

Mariana Zanchetta Otaviano

Construindo o conhecimento a partir do patrimônio: usos e abusos de sua metodologia.

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2009

Mariana Zanchetta Otaviano

Construindo o conhecimento a partir do patrimônio: usos e abusos de sua metodologia.

Monografia apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Yara Mattos

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2009

Dedico aos meus pais por todo o incentivo, amor e ensinamentos de bondade e caridade.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente para a conclusão desse estudo.

À minha querida família, pais, avós, tios e primas. Amo muito vocês!

Yára Mattos, minha orientadora, que com toda paciência e sabedoria me guiou na escrita deste e esclareceu conhecimentos acerca do tema patrimônio, além de me estimular a cada encontro, não me fazendo desistir. Muito obrigada!

A Bruna Tropa, querida amiga, que me auxiliou no uso do programa SPSS, além de me ajudar na formatação deste trabalho, não só por isso, mas também por todo o carinho que dispensa a mim.

A Jaqueline de Grammont, pelo olhar amplo em educação e por ter me ensinado valores educacionais que levarei por toda minha vida.

Sandra Fosque por toda sua dedicação a preservação e registro do patrimônio da região.

A Cláudia Alencar pelas indicações bibliográficas e pelas trocas de experiência na área da educação para o patrimônio.

A Jossane Guerra, companheira na área da educação, por ter despertado em mim diversos olhares sobre o mundo educacional.

A EE Marília de Dirceu, agradecimentos enormes! Sem a ajuda e disposição de vocês este estudo não teria dado certo.

Aos alunos da turma 503 da EE Marília de Dirceu que participaram da minha pesquisa com todo o entusiasmo.

A Hugo Zanchetta Otaviano, que sempre me ensina novas coisas toda vez que o vejo.

A Silmar Onofre de Oliveira pelo exemplo de vida e inspiração cotidiana.

Às minhas irmãs “postiças”, mas que são mais do que de “sangue”: Fabiana, Marina, Aline, Monique, Livia, Cíntia, Bruna, Ludmila e Rachel por me incentivarem todas as vezes que me mostrava cansada.

(...) creio eu, que aos tiranos não favorece a eclosão de grandes espíritos entre seus súditos, nem de amizades sólidas, nem de associações coesas – realidades estas que o amor cria.

Sócrates

RESUMO

Estudar e relacionar as metodologias em educação para o patrimônio, e diferenciar conceitos é o enfoque dessa pesquisa.

Em um primeiro momento, iremos focalizar a exploração e o conhecimento do valor patrimonial conferido à cidade de Ouro Preto-MG e as parcerias entre museu e escola bem como o trabalho com o objeto cultural.

A distinção de conceitos também é fornecida quando diferenciamos “educação patrimonial” e “educação para o patrimônio” pontuando suas diversidades e riquezas metodológicas.

Escolhida como estudo de caso, a atividade “Ludomuseu”, integrante da Área Pedagógica do Museu da Inconfidência, funciona como ferramenta de apoio para a metodologia utilizada nesta monografia em sua prática e desenvolvimento.

ABSTRACT

Study and connect the methodologies in education to the heritage, and differ concepts is the focus of this research.

At first moment, we'll focus the exploration and the knowledge of the heritage value given to the Ouro Preto – MG town, and the partnerships between museums and schools, as well as the work with cultural object.

The concepts distinction is also provided when we differentiate “heritage education” and “education to the heritage”, emphasizing the different types of conceptual use.

Picked up as a case study, the “Ludomuseu” activity, a part of the pedagogic area of the “Museu da Inconfidencia”, was worked as a support tool to the methodologies used on this monograph, in their practice and development.

Lista de Imagens

FIG. 1. Desenho de um dos objetos apresentado aos alunos	46
FIG 2. Desenho dos objetos apresentados aos alunos	47
FIG. 3 Desenho de um dos objetos apresentado aos alunos	47
FIG. 4. Verso do papel em que os alunos desenharam	48

Lista de Tabelas

TABELA 1: Atividade de Educação Patrimonial	20
TABELA 2: Atividade de Educação Patrimonial	24
TABELA 3: Atividade em Educação Patrimonial	26
TABELA 4: Atividade em Educação Patrimonial	26
TABELA 5 : O que os entrevistados consideram ser patrimônio	49
TABELA 6: Se os entrevistados gostam de visitar museus	50
TABELA 7: A razão pela qual eles gostam de visitar museus	50
TABELA 8: Se os entrevistados sabem o que é congado	51
TABELA 9: Se os entrevistados conhecem as pastorinhas	52
TABELA 10: Se os entrevistados conhecem a Folia de Reis	52
TABELA 11: O local onde os entrevistados gostam de ir na cidade de Ouro Preto	53
TABELA 12: Qual o objeto que o entrevistado possui e mais gosta	54
TABELA 13: Se o entrevistado se considera um patrimônio	55
TABELA 14 : O que os entrevistados consideram ser patrimônio	56
TABELA 15: O local onde os entrevistados gostam de ir na cidade de Ouro Preto	57
TABELA 16: Qual o objeto que o entrevistado possui e mais gosta	57
TABELA 17: Se o entrevistado se considera um patrimônio	58
TABELA 18: Se os entrevistados gostaram das atividades desenvolvidas na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência	59
TABELA 19: Qual a atividade que os entrevistados mais gostaram dentro da ação Ludomuseu.	59
TABELA 20: Itens que os alunos consideram ser patrimônio cultural	60
TABELA 21: Itens que os alunos consideram ser patrimônio cultural após a atividade “Ludomuseu”	61

SUMÁRIO

1. Introdução	8
1.1. Metodologia	9
2. Ouro Preto e sua importância patrimonial	11
2.1. Preservando o patrimônio: cultura e diversidade	12
2.2. O trabalho com objetos culturais	15
2.3. Museus e Escolas: parcerias de sucesso	16
3. Educação Patrimonial ou Educação para Patrimônio?	18
4. Área Pedagógica do Museu da Inconfidência: um estudo de caso	32
4.1. Levando os alunos à Área Pedagógica do Museu da Inconfidência	43
4.2. Interpretação das respostas	48
4.3. Análise de duas questões	60
5. Conclusão	63
6. Bibliografia	65
7. Anexo 1: Fotos dos alunos participantes das atividades	68
7.1. Anexo 2. Questionário apresentado aos alunos antes das atividades na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência	69
7.2. Anexo 3. Questionário apresentado aos alunos depois das atividades na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência	70
7.3. Anexo 4. Questionário apresentado às educadoras da EE Marília de Dirceu	71
7.4. Anexo 5. Questionário apresentado às educadoras da Área Pedagógica do Museu Inconfidência	72

1. Introdução

Neste trabalho pretendemos refletir acerca das questões afetas ao conceito “Educação Patrimonial” e as metodologias provenientes do mesmo. Para tanto, iremos nos ater ao estudo e à reflexão acerca de tal conceito, como é trabalhado e desenvolvido, quem são os agentes inseridos no contexto e como se processa de forma efetiva.

Dessa maneira, como fio condutor da pesquisa, elegemos uma instituição não-escolarizada como objeto de estudo, sendo este o Ludomuseu, inserido nas atividades pedagógicas do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto.

Sob a coordenação do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), o Museu da Inconfidência foi criado em 1938 com o intuito de abrigar peças e documentos que falassem a respeito da sociedade mineira, sua formação e também sobre o movimento de 1789.

No ano de 1944 o Museu foi aberto ao público, e, desde 1981, vem desenvolvendo atividades de caráter pedagógico, relacionadas ao estudo e preservação do patrimônio formando um variado cardápio de ações.

O Ludomuseu constitui uma das atividades inseridas neste contexto e tem como objetivo mostrar ao participante e “resgatar” nele, uma idéia mais ampla de patrimônio bem como esclarecer que este não se configura apenas como peças de museus, casarões ou igrejas antigas, mas que o próprio ser humano com toda a sua multiculturalidade é a forma mais significativa de patrimonialização.

Sendo assim, o Ludomuseu estabelece parcerias com escolas de diversas cidades tanto do estado de Minas Gerais como de outros estados, além de trabalhar com outras instituições de ensino não escolarizadas.

Nesse estudo nos concentramos na pesquisa que objetiva a explanação dos conceitos “educação patrimonial” e “educação para o patrimônio”, como eles são trabalhados e explorados e como os participantes de atividades inseridas no tema constroem seu conhecimento.

Para, efetivarmos nosso estudo seguiremos então o caminho que, em um primeiro momento, nos apresentará um panorama geral da cidade de Ouro Preto inserida no contexto de Patrimônio Cultural da Humanidade, suas políticas de preservação e a importância das mesmas.

Em um segundo momento, iremos nos ater ao estudo referente à relação estabelecida entre o Museu em questão e as instituições parceiras de educação escolarizada. Inseridos neste contexto, iremos debater assuntos como cultura, multiculturalidade, interdisciplinaridade, além da atenção especial dedicada às questões das parcerias estabelecidas entre museus e escolas e como as mesmas podem se transformar em um recurso a ser alcançado e plenamente desenvolvido por ambos.

Em seguida, iremos transitar pelos conceitos “educação patrimonial” e “educação para o patrimônio”, os primórdios dos trabalhos referentes ao tema e as metodologias estabelecidas para desenvolver de maneira efetiva estas atividades.

E por fim, iremos nos concentrar no estudo das ações do Ludomuseu inseridas na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência, onde encontraremos a descrição das mesmas. As entrevistas com os educadores que as executam e uma análise de observação dos alunos que participaram das experiências.

1.1. Metodologia

Nesse estudo, foram utilizados como metodologia de pesquisa os caminhos que englobam, em um primeiro momento, a leitura dos referenciais teóricos para embasar as discussões conceituais.

Utilizamos também métodos exploratórios e de observação empírica para a realização desse estudo, assim como métodos estatísticos: entrevistas e aplicação de questionários.

Na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência realizamos três visitas antes do desenvolvimento da atividade, sendo que na última visita, fizemos a entrevista que pode ser conferida no terceiro capítulo.

Na EE Marília de Dirceu foram feitas duas visitas; na segunda, aplicamos o questionário aos alunos e à professora.

Na realização das atividades, utilizamos o “método observatório”, concentrando-nos na observação das ações inseridas na atividade “Ludomuseu”.

Tendo terminada a atividade na Área Pedagógica, voltamos à EE Marília de Dirceu, para que um segundo questionário fosse aplicado aos alunos para comparação de suas respostas.

Após finalização dessa tarefa, passamos para a etapa de processamento de dados, ou seja, as respostas dos questionários, tanto das educadoras da Área Pedagógica, quanto da professora e dos alunos, foram processados e analisados.

No caso dos alunos, além da leitura de suas respostas e interpretação das mesmas, utilizamos também um programa de computador que processa os dados, o SPSS, em inglês: *Statistical Package for the Social Sciences*, ou seja, trata-se de um *software* que funciona por meio de matriz confeccionada a partir das respostas dos alunos; nessa matriz colocamos os dados de cada questionário e após realização dessa etapa, o próprio programa faz o cruzamento das respostas, dando-nos a porcentagem de resposta para cada item.

Seu objetivo foi a realização de uma análise comparativa para as respostas após a participação da atividade “Ludomuseu”, o que pode ser conferido no terceiro capítulo.

2. Ouro Preto e sua importância patrimonial

A formação social é um dos fatores mais importantes para delinear uma política de Cultura, incluindo aí as formas e funções dos espaços e ela destinados. Cada região apresenta seu perfil, formado no tempo.¹

A década de 1920 foi de extrema importância com relação às questões patrimoniais uma vez que o cenário intelectual, artístico, acadêmico e literário passou a se destacar mediante a busca de marcos fundadores e de identidade para a nação brasileira: “Finalmente se realiza a semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922 (...). Era um surto de nacionalismo (...)”²

A viagem a Minas Gerais realizada por intelectuais no início do século passado fez com que fosse despertada uma fascinação em especial com as cidades de Ouro Preto e Mariana; este sentimento desencadeia então o pensamento de que estas cidades são a expressão do povo brasileiro, e logo, passam a ser apropriadas como centros de preservação.

Essa preocupação, não só ocasionou um olhar guiado à preservação, mas também à implantação de leis que visavam a proteção e a salvaguarda do patrimônio brasileiro. Podemos citar o Decreto-lei n. 25/1937 por exemplo. Este decreto “ (...) terminou viabilizando os processos de tombamento no país”³

A “Convenção do Patrimônio” no ano de 1972 e anos mais tarde, em 2003 a “Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial” são exemplos relacionados à preocupação da preservação.

Com relação à cidade de Ouro Preto, esta teve grande olhar voltado para seu conjunto arquitetônico e sua grande relevância histórica, segundo as palavras de Ana Maria de Grammont:

¹ MILANESI, Luís. A Casa da Invenção: Biblioteca Centro de Cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p 27.

² CAVALCANTI, Carlos. Como Entender a Pintura Moderna. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1978. p. 203

³FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.45.

Ouro Preto, antiga Vila Rica de Albuquerque, pode ser considerada uma das maiores preciosidades da história dos brasileiros e um dos mais importantes acervos barrocos do mundo. A cidade foi declarada Monumento Nacional em 1933. Encontra-se tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – desde 1938 e foi o primeiro ícone brasileiro a receber o título de Patrimônio Cultural da Humanidade concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – Unesco, em 1980.⁴

Por estas palavras podemos notar a grande importância e relevância da cidade de Ouro Preto, e sendo tão relevante ante estas questões, devemos refletir também com relação às questões que englobam os processos e ações que perpassam os trabalhos relacionados ao patrimônio.

Estas ações se tornam importantes também para assegurar a preservação tanto material quanto imaterial deste patrimônio da humanidade, e a educação é um dos caminhos mais propícios para isso.

Para além da educação voltada ao patrimônio, nosso objeto de estudo, podemos nos ater a outra medida tomada para a salvaguarda do patrimônio que é a Constituição de 1988: “(...) além de introduzir a dimensão imaterial do patrimônio (o que amplia sobremaneira o âmbito da definição), refere-se aos bens “portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira””.⁵

2.1. Preservando o patrimônio: cultura e diversidade

Para falarmos da diversidade cultural, aspecto este de grande relevância para estudos relacionados à preservação do patrimônio, é preciso primeiramente falar sobre a identidade, sendo esta tudo aquilo que diferencia e identifica o homem.

⁴De Grammont, Anna Maria. Hotel Pilão: um incêncio no coração de Ouro Preto. /Anna Maria de Grammont. – São Paulo: [do autor], 2006.

⁵MINAS GERAIS. Secretaria de Educação. Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial. Grupo Gestor (Org.) – Belo Horizonte: SEE/MG, 2002, p. 47

Dessa maneira, quando falamos de identificação, podemos citar grupos como por exemplo político, social ou religioso. Sendo assim, é a partir do campo micro, a identidade de uma pessoa, que passamos para o plano macro, um grupo. É a partir da construção individual do ser, sua aceitação e identificação que se constrói os grupos, entretanto é necessário atentar para a diversidade de grupos que existem, ou seja, mesmo que estes grupos apresentem identidades parecidas, em um âmbito geral, eles se tornam diversos. Porém a diversidade cultural é um tema de complicada explicação, Ana Mae Barbosa vai nos chamar atenção com as seguintes palavras:

(...) para definir a diversidade cultural, nós temos que navegar através de uma complexa rede de termos. Alguns falam sobre multiculturalismo, outros sobre pluriculturalidade, e temos ainda o termo mais apropriado – interculturalidade. Enquanto os termos “multicultural” e “pluricultural” significam a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade, e o termo “intercultural” significa a interação entre as diferentes culturas. Isto deveria ser o objetivo da educação interessada no desenvolvimento cultural. Para alcançar tal objetivo, é necessário que a educação forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações⁶

As palavras de Ana Mae nos evidenciam toda uma problemática concernente a conceitos, entretanto, a diversidade cultural pode ser vista sob o olhar dos diferentes jeitos e maneiras de representação de cada indivíduo inserido em sua comunidade.

Quando nos atemos à questão da preservação do patrimônio temos que relevar os significados atribuídos aos artefatos, monumentos, fatos, lendas, casos, os quais estão em questão.

Para que exista de fato um processo de preservação do patrimônio é preciso que este se faça significativo para as pessoas como um todo. A cultura de um povo deve ser vista como fonte de confirmação de memória, e esta perpassa por questões as quais estão inseridas intenções cujo foco é a educação, o significado ante algo que surge a

⁶ BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 14.

partir do momento em que este faz parte de uma história, hábito, cotidiano. A cultura desse modo, como dito anteriormente é a confirmação da memória e a vida em transformação, é a identificação das pessoas com algo: “(...) a identidade cultural não é uma forma fixa ou congelada, mas um processo dinâmico, enriquecido através do diálogo e trocas com outras culturas.”⁷

A educação é um dos caminhos para a preservação desta cultura, segundo Ana Mae Barbosa que diz: “A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo conhecimento e apreciação da cultura local.”⁸, é preciso assim, que se conheça o patrimônio local para que, a *posteriori*, sejam desenvolvidas estratégias que possam alcançar de forma satisfatória um olhar ante a cultura e seu patrimônio.

Entretanto, falar de patrimônio desencadeia a questão de conhecer os conceitos atribuídos a este, para que possamos compreender a amplitude do mesmo.

Quando falamos de patrimônio imaterial, por exemplo, estamos nos referindo a todo tipo de manifestação cultural de um local, expressões de um povo, modos de fazer, crenças, lendas, brincadeiras. Além disso, podemos conceituar também com as seguintes palavras:

(...) o patrimônio imaterial transmitido de geração a geração é conceituado a partir da perspectiva da alteridade. Ele é considerado alvo de constantes “recriações” decorrentes das mutações entre as comunidades e os grupos que convivem num dado espaço social, do meio ambiente, das interações com a natureza e da própria história dessas populações – aspectos fundamentais para o enraizamento ou o sentido de pertença que favorece “o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”⁹

⁷ BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. P. 14.

⁸Idem. p.13

⁹PELEGRINE, Sandra C.A e FUNARI, Pedro Paulo A. O que é patrimônio cultural imaterial/Sandra C. São Paulo: Brasiliense, 2008, pg.46 e 47.

Sobre patrimônio cultural, para que possamos nos munir de informação suficiente a uma boa compreensão do conceito, podemos observar as palavras de José Reginaldo Gonçalves:

Nos últimos anos, antropólogos e historiadores têm realizado estudos sobre “objetos” e “coleções”, e seu uso simbólico para construir identidades pessoais e coletivas na moderna história cultural do Ocidente (Rydell, 1984; Stocking, 1985; Fabian, 1983; Mullaney, 1983; Stewart, 1984; Bunn, 1980). Objetos de vários tipos são apropriados e visualmente dispostos em museus e em instituições culturais com a função de representar determinadas categorias culturais: os primitivos, o passado da humanidade, o passado nacional, etc. Os chamados patrimônios culturais podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis, através dos quais é definida a identidade de pessoas e de coletividade como a nação, o grupo étnico etc.¹⁰

2.2. O trabalho com objetos culturais

Para que a cultura seja trabalhada e conseqüentemente se configure em caráter de significação para as crianças, que são produtos da cultura e produzem cultura, é preciso que esta se torne presente na sabedoria do aluno, ou seja, é preciso que este se familiarize de forma satisfatória com aquela para que possa se desencadear um processo de identificação e significação entre ele e sua própria cultura.

Sendo assim, formando elos entre conhecimento e identificação do objeto cultural e preservação do patrimônio, devemos nos atentar aos processos educativos que estão envoltos nessa questão .

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em seu volume 10, onde são tratados os temas transversais que abrangem a pluralidade cultural e a orientação sexual, podemos observar a seguinte orientação e sugestão para o trabalho com expressões culturais:

¹⁰GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p.266

Para entender o simbolismo das expressões culturais é preciso entender a sociedade produtora daquela manifestação cultural. O produto cultural de um grupo não pode ser tratado como um fato isolado. Cada manifestação social fala diretamente do grupo que a produziu, de relações entre a visão de mundo, hábitos, costumes e valores da cultura à qual pertencem. Uma forma interessante de trabalhar didaticamente essa inserção do produto cultural em seu contexto mais amplo é propiciar ocasiões em que a classe possa criar, em conjunto, suas próprias “expressões culturais”, analisando com os alunos, o significado daquele produto cultural para eles, naquele momento, seu significado no contexto da composição da classe. Criar, por exemplo, símbolos coletivos da turma trará a chance de discutirem o que é relevante para eles, que valores e objetivos compartilham, etc.¹¹

Desse modo, munido das informações transmitidas pelos PCNs, podemos nos orientar com relação a como trabalhar essa questão. A sugestão dada é simples e parece satisfazer o objetivo quando se está em questão o trabalho com expressões culturais.

Constatamos assim que é preocupação real “o trabalho com as expressões culturais”, e que elas devem fazer parte de um universo que engloba tanto as ações dentro de sala de aula, ou seja, o espaço formal de educação, quanto fora deste ambiente, sendo este, o espaço não escolarizado, que é o caso a ser estudado aqui.

2.3. Museus e Escolas: parcerias de sucesso

Quando falamos de um trabalho interdisciplinar, que alcance ao máximo seu objetivo, podemos pensar também em formar parcerias para realizar de maneira plena a atividade.

Parcerias com museus são trabalhos importantes para alcançar tal aspecto, trabalhar no espaço museográfico, significa muito mais do que um passeio escolar,

¹¹Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília: A Secretaria, 2001. p.98.

significa principalmente, o trabalho em uma instituição, que, se explorada de forma sistematizada pode trazer grandes benefícios tanto para a escola, quanto para o museu.

Ou seja, quando falamos sobre o trabalho conjunto entre estas duas instituições, devemos pensar em um preparo para a utilização dos recursos de um e de outro. Primeiramente o museu deve estar preparado para receber os alunos, ou seja, possuir um esquema de trabalho que consiga alcançar a atenção dos alunos e transmitir para eles conhecimentos que os façam desfrutar de um novo olhar acerca de determinado assunto. Em contrapartida, a escola também deve se preparar para levar seu aluno ao museu, ou seja, deve ser trabalhado com ele temas relacionados à visita para que este aluno possa se situar no assunto, e após a mesma o professor precisa continuar a trabalhar o assunto para que, de certa maneira, este aluno possa se apropriar do conhecimento.

É preciso também compreender a função de serviço público e educacional relacionada ao museu sendo este, um grande recurso pedagógico em auxílio à aplicação de atividades relacionadas a diversos temas de grande utilidade aos estudos das instituições escolarizadas.

Por isso se fazem necessários também trabalhos de inclusão dentro destes espaços, ou seja, quando se estabelecem parcerias entre escolas e museus podemos falar também do alcance de público que muitas vezes não se apropria desses espaços. Estas parcerias beneficiam tanto o trabalho escolar utilizando-se de recursos fora do âmbito escolarizado, como traz para si a instigação relacionada à exploração deste espaço, tanto pelo aluno, como também, de certa forma por sua família, uma vez que, se trabalhado de maneira estimulante, pode fazer com que este educando se interesse e leve este a sua família, criando um quadro de visitantes que podem passar a se apropriar do espaço.

Com essas visitas, o museu pode criar também ações que sejam mais inclusivas, direcionadas a este público.

3. Educação Patrimonial ou Educação para o Patrimônio?

Falar do trabalho referente ao estudo do patrimônio representa entre outros fatores, falar da abordagem de um trabalho, que possui como paradigma, o sentido de pertencimento, a identificação e apropriação do patrimônio (tangível e intangível) de um local, de uma comunidade.

Entretanto, trabalhar com educação patrimonial nos leva também à busca do entendimento desse conceito, o que ele quer dizer, onde surgiu, como é desenvolvido, enfim, a problemática que envolve o tema. Essa expressão é comum no cotidiano de trabalhos cujo foco está direcionado às atividades de preservação, comunicação e educação, como museus por exemplo, mesmo não sendo objeto relevante familiarizado na comunidade como um todo.

O conceito “Educação Patrimonial” chegou ao Brasil, com Maria de Lourdes Horta, no início da década de 1980, vindo da Inglaterra, inspirado nos trabalhos ingleses denominados *heritage education*.

Partindo dessa idéia, Horta passou a desenvolver, no Museu Imperial, Rio de Janeiro, atividades que atendessem à idéia de ações voltadas à preservação do patrimônio cultural.

Posteriormente, publicou, em parceria com o IPHAN, um livro intitulado “Guia Básico de Educação Patrimonial”, onde fala sobre sua experiência e mostra ações designadas como atividades em educação patrimonial.

No livro em questão, o termo educação patrimonial foi definido da seguinte maneira:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e

propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.¹²

Podemos assim observar que estamos falando de um conceito, que corresponde a uma idéia de trabalho relacionado à preservação do patrimônio, com metodologia própria. Falar de “educação patrimonial” neste caso nos remete a uma idéia advinda da Inglaterra que posteriormente foi trabalhada no Brasil, principalmente em museus. O trabalho com a preservação do patrimônio cultural e natural, não necessariamente representa trabalhar sob a metodologia inglesa do conceito de educação patrimonial em si, uma vez que ela possui fundamentos próprios.

Podemos assim dizer, que trabalhos desenvolvidos, cujo foco de estudo e ação são o patrimônio, nem sempre estão, conceitualmente sob o enfoque de “educação patrimonial”, mas sim educação para o patrimônio.

No campo da didática, onde a metodologia da “educação patrimonial” se encontra, temos etapas como observação, registro, exploração e apropriação.

Sendo assim, voltamos a conferir ao conceito “educação patrimonial” valor metodológico. No livro “Guia Básico de Educação Patrimonial”, encontramos algumas atividades que englobam essa metodologia, como por exemplo, à página 18 que mostra uma explicação de como explorar o meio ambiente histórico, configurando assim, a criação de uma metodologia própria de trabalho, inserido no contexto educação patrimonial.

A descrição pela qual são guiados os passos para execução do trabalho teve como fonte um livro inglês, evidenciando-nos também o elo *heritage education* com o conceito educação patrimonial trabalhado no Brasil, citado abaixo:

¹²HORTA, Maria de Lourdes, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriana Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. p. 6.

TABELA 1: Atividade de Educação Patrimonial

Presente	Passado	Influência do passado no presente
Como é o lugar hoje?	Como era este lugar no passado?	Que elementos do passado podemos ver hoje?
Porque este lugar é assim, hoje, e como se diferencia ou se assemelha a outros lugares?	Porque este lugar era deste modo no passado: Como e porque ele se diferenciava ou se assemelhava a outros lugares no passado?	Que influência estes elementos tiveram sobre este lugar, e como esta influência se diferencia ou se assemelha ao que aconteceu em outros lugares?
De que maneira esse lugar se relaciona com outros lugares?	De que maneira este lugar estava relacionado com outros lugares?	De que modo as relações existentes no passado influenciaram este lugar e o modo em que ele se relaciona hoje com outros lugares?
Como este lugar esta mudado e porque?	Que mudanças aconteceram neste lugar ao longo do tempo e por quê?	Como as mudanças ocorridas estão refletidas hoje, neste lugar?
Como seria viver neste lugares, hoje?	Como seria viver neste lugar, no passado?	Como o passado influencia o modo e a experiência de viver neste lugar, hoje?

Fonte: HORTA, Maria de Lourdes, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriana Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. p.18.

Deste modo, a partir de sua compreensão, dá-se a possibilidade de trabalho com o patrimônio, monumento ou sítio histórico. Subtende-se que, a interação com o espaço, a exploração, o conhecimento e apropriação do patrimônio se dão de forma efetiva seguindo a metodologia acima aplicada, relacionando passado, presente e suas influências.

Assim, a partir das normas estabelecidas, consegue-se explorar o patrimônio, tendo como resultado questionamentos acerca das permanências culturais ou não de um sítio ou monumento.

O trabalho em questão, segundo o livro citado, indica áreas de estudo como história e geografia, além de matérias como a matemática, e segundo as autoras:

Ao analisar um **monumento** ou **sítio histórico** é importante que os alunos sejam levados a considerar as **dimensões** do meio ambiente histórico em que eles se inserem, a avaliar a influência da ação e comportamentos humanos sobre a paisagem natural, bem como a influência da paisagem local sobre esses comportamentos naquela localidade, que contribui para o seu *caráter* especial.¹³

Dessa maneira, conferimos a esta atividade, relevante valor para a compreensão da identificação que as pessoas têm ante o patrimônio, evidenciando também a importância gerada por este com relação à identidade cultural e preservação.

Outra questão de extrema importância apresentada no “Guia Básico de Educação Patrimonial” é o trabalho interdisciplinar que confere maiores significações, isto devido a maior amplitude que as questões podem alcançar, evidenciando aos participantes das atividades um grande leque de possibilidades para compreensão e interpretação do patrimônio.

As autoras do livro falam de disciplinas a serem exploradas, como, além da geografia e história, a matemática e a tecnologia, estas, sob enfoque correto podem proporcionar dimensões múltiplas de entendimento.

O trabalho interdisciplinar é importante também, uma vez que atende às exigências do currículo escolar, que demanda uma série de ações e atividades que enfocam o entrelaçamento de matérias para o trabalho com questões como a educação ambiental e o desenvolvimento tecnológico, social e industrial.

O trabalho com esses temas exige do professor criatividade para desenvolvê-lo, aí entrando a questão de se associar as oficinas e a interdisciplinaridade para alcançar o sucesso destas.

Continuando ainda sob o enfoque “Guia Básico de Educação Patrimonial”, podemos encontrar também uma série de outras atividades sugeridas que possibilitam a sua execução. Nos deparamos com várias oficinas que vão gerar uma gama interessante de ações a serem desenvolvidas.

¹³Idem. p. 18.

Uma delas sugere um passeio pelo sítio histórico de um local, que não se configurará de modo a se apresentar apenas como uma simples visita, mas abrangerá todo um processo de aprendizagem .

Realizando um trabalho com os alunos antes de se fazer a visita, o educador poderá obter resultados mais satisfatórios, como por exemplo, explicar aos participantes o caráter exploratório e de registro o qual o passeio se dará. Em outras palavras, demonstrar que o passeio não só é uma atividade de lazer, mas também um instrumento de estudo do patrimônio dentro de sala de aula.

Esta atividade tem o nome de “Os Centros Históricos – Descobrimo a vida no passado e no presente” e propõe ao leitor umas série de questões a serem levantadas cujo fim é a melhor exploração dos potenciais que o patrimônio pode nos oferecer.

Entre as questões sugeridas pelo livro, à página 28, podemos destacar algumas como:

- Quais edifícios chamam mais atenção e por quê? Alguns deles estão nos mapas mentais feitos em sala de aula?
- Identificar edifícios modernos com decoração imitando estilos mais antigos, janelas, portas, telhados, grades, postes e luminárias, letreiros etc;
- Observar os materiais de construção: são locais ou vêm de fora? Naturais ou artificiais? Os usados em casas velhas são os mesmos que nas casas novas?
- Observar nos edifícios sinais de conservação ou indícios de sua necessidade;
- As ruas e as praças estão bem cuidadas, têm lixo?
- Exercitar a percepção sensorial através de identificação de sons, cheiros, texturas, sensações em relação aos edifícios, às ruas e aos espaços públicos (praças, largos etc.)

Munidos dessas informações, podemos comentar acerca das questões acima citadas: na primeira, visualizamos um trabalho realizado, primeiramente, em sala de aula, como por exemplo o “mapa mental” citado, que consiste na atividade de registrar, apenas sob visualização mental, os espaços a serem percorridos.

Esta forma de registro permite ao participante da atividade visualizar, posteriormente, os espaços que estavam registrados em sua memória, bem como, realizar uma análise acerca dos bens que lhes eram mais marcantes e como seu olhar foi modificado depois da visita ao local.

A segunda questão permite um exercício da observação, onde o participante pode identificar as permanências ou não contidas em determinado objeto de estudo, assim como a terceira questão, que permite o olhar sobre os materiais utilizados e suas procedências, viabilizando um estudo que una um conhecimento prévio acerca dos materiais utilizados em construção, e quais possuem procedência local ou não, permitindo ao aluno realizar questionamentos acerca das possibilidades e viabilidades da construção de edifícios no período em questão.

A quarta questão, tem o objetivo de despertar a consciência que engloba questões relacionadas à preservação e à necessidade da mesma, ou seja, um patrimônio em degradação pode passar despercebido pelo olhar de um caminhante distraído, entretanto, quando realizada uma atividade exploratória com o olhar, esta pessoa passa a verificar necessidades que o patrimônio silenciosamente solicita.

Com relação à quinta questão colocada, podemos ver o trabalho acerca da preservação do espaço público, como atividade de cuidado do patrimônio. Este olhar possibilita uma rotina acerca dos hábitos das pessoas e influência que este pode ter nas pessoas diretamente ligadas aos participantes da atividade.

E por fim, a sexta questão nos remete ao exercício do despertar das percepções sensoriais, como os cheiros que o local possui e o sons que ele emite, além do exercício do toque, estimulando a sensação de sentir as texturas dos edifícios, construções, etc.

Dessa maneira, podemos observar a gama de oportunidades que esta atividade pode oferecer para o trabalho em “educação patrimonial”, permitindo-nos experimentar ações que englobam um assunto de interesse muito relevante e que permite a vivência dos participantes para com aquilo que é deles.

As questões acima descritas fazem parte de um roteiro para a atividade, segundo as autoras:

Os alunos devem saber para que estão fazendo a visita, ter atividades específicas para **ver**, **fazer** e **registrar**, ou seja, um **roteiro básico** de **observação** preparado pelo professor, que ao mesmo tempo auxiliará e provocará

discussões sobre a conservação e as mudanças ocorridas na área¹⁴

As autoras assim, preparam anteriormente o professor para uma efetiva atividade em torno do tema, o que resulta em uma ação de despertar de olhares e sentimentos.

Elas também nos oferecem uma atividade auxiliar chamada de “Jogo de Simulação”, que é explicada do seguinte modo no livro:

TABELA 2: Atividade de Educação Patrimonial

Antes de iniciar a visita, proponha um problema para seus alunos e coloque-os para que representem diferentes papéis da vida real, por exemplo: imaginem que a Prefeitura pretende demolir algumas casas antigas como parte de um projeto de alargamento de várias ruas para melhoria do trânsito. Distribua os papéis entre os alunos: alguns serão empresários, outros técnicos de planejamento, especialistas em engenharia de transportes, moradores das casas, velhos e jovens, donas de casa, comerciantes locais, donos de companhia de ônibus, fiscais, arquitetos do Patrimônio, técnicos de organizações ambientalistas. Inicie a caminhada e peça aos alunos para ver o conjunto do centro histórico com olhos e interesses de cada um dos personagens, para fazer um relatório defendendo seu ponto de vista. Alguns alunos poderão ser ainda jornalistas, repórteres de TV que darão cobertura a uma matéria sobre o Centro Histórico. Durante a caminhada os alunos poderão entrevistar os pedestres, os moradores, os comerciantes, os guardas etc., a respeito do tema. Ao final da caminhada o professor, junto com os alunos, definirá a forma final que esta atividade terá em sala de aula, podendo ser um relato escrito, um jornal, uma peça de teatro, um vídeo, uma exposição etc.

O importante é que o objetivo da caminhada esteja claro e que os alunos saibam que as informações e idéias registradas serão usadas num trabalho em sala de aula.

¹⁴Ibidem. p.28. Grifos das autoras.

Fonte: HORTA, Maria de Lourdes, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriana Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. p.29.

Desse modo, podemos observar também, que o trabalho com a preservação do patrimônio não só se baseia em apresentação de teorias, mas vai para o âmbito da identificação e afetividade, ou seja, trazer para si, se imaginar diante de, fazer com que, são ações efetivas que estimulam alunos à preservação.

O que queremos chamar atenção aqui é que de fato, a importância que o conceito “educação patrimonial” e sua metodologia educacional, consiste em transmitir ao leitor a idéia de que trabalhar com o patrimônio pode seguir várias linhas metodológicas, neste particular caso, advinda do conceito *Heritage Education*.

Para melhor entendimento, analisaremos mais algumas atividades que o livro “Guia Básico de Educação Patrimonial” nos propõe.

Já citamos as atividades desenvolvidas para a exploração do ambiente, do sítio histórico e como agir em prol de sua preservação, entretanto, o livro em questão nos atenta também ao estudo e pesquisa do objeto.

Para trabalhar com esse assunto, as autoras sugerem a atividade de exploração do objeto cultural, seguindo algumas questões de instigação à compreensão.

A atividade sugerida na página dez do livro em questão nos dá a seguinte dimensão desta exploração:

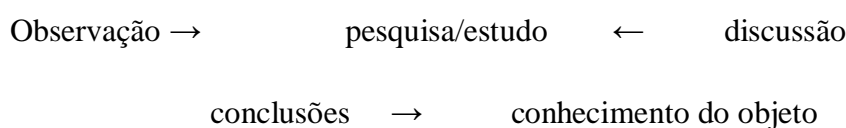
TABELA 3: Atividade em Educação Patrimonial

Investigando um objeto cultural

Fazer perguntas sobre:

aspectos físicos/ materiais	desenho/forma	função/ uso	construção/ processo	valor/ significado
--------------------------------	---------------	-------------	-------------------------	-----------------------

Como descobrimos isto?



Fonte: HORTA, Maria de Lourdes, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriana Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. p.10.

Partindo então, desta tabela, podemos observar todo um processo que engloba a investigação acerca dos objetos culturais depositados nos museus, que posteriormente serão detonadores das etapas que desenvolverão a percepção, análise e interpretação dos mesmos.

Partindo da idéia de que o objeto foi eleito para estudo, o livro sugere uma outra etapa metodológica que guia o processo já iniciado, tendo como base, agora, seus quatro pilares: observação, registro, exploração e apropriação.

TABELA 4: Atividade em Educação Patrimonial

Etapas	Recursos/Atividades	Objetivos
1) Observação	Exercícios de percepção visula/sensorial, por meio de perguntas, manipulação, experimentação, medição, anotações, comparação, dedução, jogos de detetive ...	- identificação do objeto/função/significado; - desenvolvimento da percepção visual e simbólica

2) Registro	Desenhos, descrição verbal ou escrita, gráficos, fotografias, maquetes, mapas e plantas baixas	- fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; - desenvolvimento da memória, pensamento lógico, intuitivo e operacional
3) Exploração	Análise do problema, levantamento de hipóteses, discussão, questionamento, avaliação, pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, instituições, jornais, entrevistas.	- desenvolvimento das capacidades de análise e julgamento crítico, interpretação das evidências e significados
4) Apropriação	Recriação, releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo	- envolvimento afetivo , internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão, apropriação, participação criativa, valorização do bem cultural

Fonte: HORTA, Maria de Lourdes, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriana Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. p.11

Dessa maneira, inspirando-se na tabela acima, podemos partir para a interpretação e a compreensão dos passos sugeridos para a decodificação do objeto cultural, ou seja, as etapas sugeridas, a partir dos conceitos observação, registro, exploração e apropriação.

Partindo-se do conceito observação, por exemplo, podemos desenvolver exercícios que englobam tanto a percepção visual quanto a sensorial e para tanto, são sugeridos recursos, tais como perguntas, manipulação, comparação, entre outros, tendo como objetivo tanto a identificação do objeto quanto o desenvolvimento da percepção do mesmo.

O mesmo caminho é seguido para os outros conceitos pilares, trabalhando-os em uma dimensão onde se dão os recursos e atividades a serem elaboradas e os objetivos das mesmas.

Podemos desse modo, observar as estratégias que o livro nos propõe para a efetivação da atividade, evidenciando-nos maneiras particulares de trabalho. As autoras do livro também atentam para o fato que devem ser estabelecidos objetivos e resultados a serem alcançados, para que as atividades obtenham sentido e significações.

Segundo o livro, antes de iniciar a atividade, educadores devem estar atentos aos seguintes caminhos:

Antes de iniciar o trabalho com qualquer dos temas Patrimônio Cultural, defina seus objetivos educacionais e resultados pretendidos. Decida que habilidades, conceitos e conhecimentos você quer que seus alunos adquiram e de que modo o trabalho se insere no seu currículo.¹⁵

Dessa maneira, embasando nosso pensamento acerca do livro “Guia Básico de Educação Patrimonial” podemos nos munir de informações que de fato, guiam o pensamento e ensinam estratégias de ação com relação a atividades voltadas para o conhecimento e educação através do patrimônio.

Falando ainda deste livro e de sua metodologia, somos elucidados acerca da multiplicação do ensino em “Educação Patrimonial”, na página 46, quando as autoras começam a nos falar das “Oficinas de Educação Patrimonial”, que objetivam a expansão do método.

A metodologia da Educação Patrimonial pretende ser um instrumento valioso para o trabalho pedagógico dentro e fora da escola. Para alcançar a multiplicação das idéias e conceitos propostos no campo da educação sobre o patrimônio cultural é importante que se faça um treinamento com os agentes que irão desenvolver este trabalho nas escolas, nas associações de bairros, ou em qualquer espaço ou grupo social que se pretenda sensibilizar.

¹⁵ Ibidem. p.11.

Este treinamento pode ser realizado por meio de Oficinas de Educação Patrimonial, que levarão os participantes a experimentar diretamente a metodologia de trabalho proposta, podendo assim avaliar a sua eficiência e potencialidade.¹⁶

As oficinas em questão, são um meio de capacitação para os interessados em geral, ou seja, um meio de conhecimento do método a ser utilizado, um estudo que pretende instigar, estimular o educador a definir suas estratégias para utilização deste meio de ensino.

As autoras do livro também sugerem a elaboração de um material de apoio para os alunos, que elas chamaram de “Folhas Didáticas” que: “(...) poderão ser confeccionadas tanto para dar suporte a um trabalho em um monumento, um sítio ou um centro histórico, como para acompanhar os alunos numa visita a um museu (...)”¹⁷, ou seja, mais um meio de auxílio ao educador para realizar sua atividade munido de instrumentos que tornarão sua ação satisfatória.

Sendo assim, munidos de informações relevantes acerca do livro citado podemos passar a refletir melhor ante diferentes conceitos que utilizam o patrimônio como fonte de conhecimento.

Como podemos observar, o conceito “Educação Patrimonial” é, na verdade, não só uma terminologia, mas engloba em todo seu sentido uma metodologia a ser seguida e devidamente estabelecida como analisamos acima. Desse modo, podemos ressaltar que o trabalho com “educação patrimonial”, ou, projetos em “educação patrimonial”, ou oficinas em “educação patrimonial”, para adotar essa terminologia, uma vez que foram embasados nos conteúdos trazidos por Maria de Lourdes Parreiras Horta, deverão observar também a utilização de seus meios, caso contrário irá se configurar em “educação para o patrimônio”.

Desse modo, podemos refletir ante a quantidade de projetos e atividades denominados “educação patrimonial”, que na verdade não seguem as referências inglesas e acabam por se “equivocar” com relação ao termo, uma vez que, deveriam ser chamados de “educação para o patrimônio”.

¹⁶ Ibidem. p.46.

¹⁷ Ibidem. p.48.

É o caso do trabalho de Terezinha Lobo Leite, educadora da rede pública de Ouro Preto, que, em parceria com a Prefeitura Municipal, lançou uma cartilha denominada “Educação Patrimonial na Escola”, onde, podemos observar um trabalho muito interessante que guia tanto educadores quanto educandos à compreensão do patrimônio da cidade; fala de conceitos como povo, nação, Estado, cultura; fala também da terminologia patrimônio, assim como patrimônio cultural, enfim, um trabalho que abrange vários temas de interesse à preservação do patrimônio, e que, por possuir metodologia própria, deveria adotar outro nome, uma vez que não atende ao pressuposto metodológico “educação patrimonial”.

Os equívocos observados foram se multiplicando com relação a este termo ao longo dos anos, pois, outros projetos foram sendo desenvolvidos a partir de seus próprios métodos de ação. É sobre isso que falamos, sobre a necessidade de diferenciar as metodologias inspiradas no patrimônio cultural e natural pois, grande parte possui valor fundamental para a comunidade local e é muito produtiva, alcançando resultados bastante satisfatórios. Porém, dá-se a necessidade de atualização e compreensão do conceito para que o trabalho desenvolvido seja inequívoco.

Outro exemplo de confusão de conceitos pode ser evidenciado em um trabalho do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA – MG). Este consiste em um “Manual de Diretrizes para a Educação Patrimonial” (pode ser encontrado no site: www.iepha.mg.gov.br), que traz uma introdução ao conceito educação patrimonial e guia professores das redes públicas para a elaboração de projetos destinados à captação de recursos.

Nesse trabalho podemos observar logo, de início, uma citação de Maria de Lourdes Parreiras Horta, que nos leva a acreditar em uma apropriação da sua metodologia e de seus conceitos. Entretanto, já na apresentação do manual, podemos observar uma confusão referente ao seguimento desta idéia, pois ressaltamos que na orientação do trabalho que irá guiar o professor não existe a observância dos passos estabelecidos no “Guia Básico de Educação Patrimonial” (que pode ser conferido a partir da página 69 do manual).

Podemos continuar a observar as confusões relacionadas ao conceito por toda a obra, como na página 11, em que se dá a orientação da metodologia em educação patrimonial, mas que, no decorrer, notamos que esta não é a mesma; à página 13,

podemos evidenciar que o conceito não é o *Heritage Education*, e mesmo assim, o manual continua a falar do trabalho em educação patrimonial, e não educação para o patrimônio.

Mesmo com todos os equívocos relacionados ao conceito, este manual possui relevância a partir do momento em que elucida o leitor sobre informações importantes relacionadas aos meios de proteção do patrimônio. Entretanto, se confunde ao relacionar terminologia, metodologia e conceito.

Por se tratar de uma produção advinda de um instituto especializado em proteção do patrimônio, notamos que a distinção entre conceitos ainda não está bem estabelecida entre os Órgãos Institucionais.

Podemos desse modo, concluir que o conceito “educação patrimonial” precisa ser melhor estudado pelas instituições e pelos educadores que tratam do assunto, para que exista, efetivamente, uma elucidação do conceito e que o trabalho seja veiculado sem equívocos.

Assim vemos que projetos indicados como “educação patrimonial”, na verdade, são de educação para o patrimônio. A confusão abarca desde educadores a instituições de pesquisa e proteção para o patrimônio.

Entretanto, podemos citar um grupo de estudos que trabalha o conceito de maneira exemplar, é o que ocorre com o LEME – Laboratório de Estudos Museu e Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, quando desenvolve em suas publicações o conceito “educação para o patrimônio”, ao estabelecer metodologia própria de trabalho e ação.

4. Área Pedagógica do Museu da Inconfidência: um estudo de caso

O Museu da Inconfidência, situado à Praça Tiradentes, na cidade de Ouro Preto-MG, possui grande relevância histórica, tanto por sua arquitetura, quanto por abrigar em seu interior peças de grande importância para a história local e nacional.

Este museu, tem por dedicação, a preservação da memória do movimento revolucionário que não chegou a ocorrer, mas que tem referência fundamental para o entendimento do pensamento dos “nativos” brasileiros na época do Brasil Colônia (1500 a 1822), a Inconfidência Mineira, planejada para ser executada no ano de 1789 e que foi um dos principais exemplos dos anseios e sentimentos dos moradores da antiga Vila Rica com relação à administração portuguesa no local e no Brasil.

Além de preservar a memória deste movimento, o museu abriga também objetos que falam sobre a sociedade mineira e sua cultura.

Segundo o site do Sistema de Museus de Ouro Preto, na parte em que fala sobre o Museu da Inconfidência, podemos encontrar a seguinte referência:

A exposição permanente, acha-se localizada no edifício da antiga Casa de Câmara e Cadeia, robusta construção do século XVIII. Possui três anexos. No primeiro estão o Auditório – sala de projeção, a sala Manoel da Costa Athaide, de exposições temporárias e a Reserva Técnica. No segundo, funcionam a Diretoria, a Secretaria, os setores de Museologia, Difusão do Acervo e Promoção Cultural, Segurança e o Laboratório de Conservação e Restauração, este com ateliês de pintura, escultura, madeira e papel. No terceiro, encontram-se o Arquivo Colonial, com cerca de 40 mil documentos, a Biblioteca, com 19 mil volumes e os setores Pedagógico, de Pesquisa e Musicologia. O setor administrativo, ocupa todo o terceiro andar.¹⁸

Dessa maneira, podemos nos munir de maiores informações sobre a localização das diversas partes que compõem o Museu da Inconfidência.

¹⁸ Site do Sistema de Museus de Ouro Preto, acessado em 1º de junho de 2009.
http://www.museusouropreto.ufop.br/Museu%20da%20Inconfidencia/_museu%20da%20inconfidencia.htm

Nosso estudo de caso vai se desenvolver no terceiro setor do museu, onde encontramos o Setor Pedagógico.

Inicialmente, criado em 1981, com o nome de Museu-Escola, esse setor foi se configurando de tal maneira e aglutinando outras atividades, que acabou por se tornar Área Pedagógica do Museu, realizando diversas atividades com a comunidade escolar e não escolarizada de Ouro Preto, Mariana e outras cidades, além de atender a população local com atividades especializadas para tal fim.

El Museo de la Inconfidencia iniciaba en 1981 el Proyecto Museo-Escuela, que se integraría al proyecto Interacción, que actuaba con el enfoque del arte-educación y estaba destinado a atender también al estudiante de la enseñanza fundamental. Iba al encuentro de las estrategias de acción contenidas en las directrices operacionales de la política cultural del MEC.¹⁹

Atualmente, o Museu da Inconfidência é coordenado por Rui Mourão, com grande destaque na área cultural, exerceu diferentes atividades, foi fundador da revista *Tendência* (1957), com Affonso Ávila e Fábio Lucas, editor do *Suplemento Literário de Minas Gerais* e, em 1974 assumiu a diretoria do museu. Desde este ano, a direção continua sob sua responsabilidade.

A Área Pedagógica do Museu da Inconfidência, encontra-se na rua do Pilar nº 76, e atualmente é composta por quatro especialistas, sendo duas com formação em Letras e as outras duas em História.

Designaremos em nossa pesquisa, as educadoras de “especialista A”, “especialista B”, “especialista C” e “especialista D” a fim de preservar a identidade das mesmas.

O estudo de caso dessa pesquisa consistiu em observar a experiência de crianças na faixa etária em torno dos 10 anos, nas atividades da Área Pedagógica do Museu da Inconfidência, sendo que a atividade escolhida foi o “Ludomuseu”.

Para tanto, inicialmente, foram realizadas entrevistas com as especialistas (ver modelo da pesquisa em Anexo).

¹⁹ MATTOS, Yára. Estrategia de Trabajo Conjunto Escuela – Museo para la Enseñaza de la Historia del Nivel Médio en Oro Prieto. La Habana: Tesis en ofeción al grado de Doctor em Ciências Pedagógicas, 2004. p. 34.

As quatro especialistas foram entrevistadas individualmente, e se mostraram muito solícitas a responder as questões.

Começaremos falando da “especialista A” que possui graduação em Letras. Ela trabalha na Área Pedagógica há quatro anos, e possui também especialização em Psicopedagogia. Quando perguntamos sobre o tempo de existência das atividades pedagógicas do Museu da Inconfidência, ela nos responde que data de mais de 25 anos.

Com relação à questão em que é suscitado qual o conceito trabalhado nas atividades pedagógicas do local, se “educação patrimonial” ou “educação para o patrimônio”, a especialista A nos responde: “as duas”, sem explicitar os conceitos ou a distinção dos mesmos.

A questão relacionada à metodologia utilizada nas atividades nos é respondida de maneira bem epidérmica : “Base construtivista, Piaget²⁰ e Vygotsky²¹”.

A especialista em questão, respondendo a pergunta sobre qual a atividade do Ludomuseu ela possui função, nos diz: “Projeção de cores, som, conversa sobre o acervo, sobre o objeto dos visitantes e as questões patrimoniais”, entretanto nos fala também que todas desempenham uma parte. Considera mais importante, entre as ações da atividade, a de “passar para a pessoa que o objeto dela também é um patrimônio e tem uma história”, desse modo, a pessoa se vê importante, tanto na história como na preservação dela.

Quando perguntado se as escolas de Ouro Preto procuram a Área Pedagógica, ela diz que sim, mas que a procura poderia ser maior, e nos diz também que municípios diversificados como São Paulo e São José dos Campos já participaram das atividades.

²⁰ **Jean Piaget** nasceu em Neuchâtel, Suíça no dia 9 de agosto de 1896 e faleceu em Genebra em 17 de setembro de 1980. Estudou a evolução do pensamento até a adolescência, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo. Como epistemólogo, investigou o processo de construção do conhecimento, sendo que nos últimos anos de sua vida centrou seus estudos no pensamento lógico-matemático. Fonte: Centro de Referência Educacional - <http://www.centrorefeducacional.com.br/piaget.html>, acessado no dia 8 de junho de 2009.

²¹ **Lev S. Vygotsky** (1896-1934) , professor e pesquisador foi contemporâneo de Piaget, e nasceu em Orsha, pequena cidade da Bielorrússia em 17 de novembro de 1896, viveu na Rússia, quando morreu, de tuberculose, tinha 37 . Construiu sua *teoria* tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada histórico-social. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela *interação* do sujeito com o meio.Fonte: Centro de Referência Educacional - <http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html> acessado no dia 8 de junho de 2009.

Com relação à avaliação das atividades, a especialista A nos informa que é realizada, mas não nos informa como, perguntamos também se é feita alguma atividade de análise comportamental dos participantes, e ela nos diz que individualmente não, mas que há uma conversa onde são expostas as questões trabalhadas.

Com relação à “especialista B”, que possui graduação em História e trabalha na Área Pedagógica do Museu há 10 anos, recebemos a seguinte informação quando questionada acerca das metodologias “educação patrimonial” ou “educação para o patrimônio”: “No fundo as duas são a mesma coisa, ambas trabalham com identidade, ambas trabalham com patrimônio e o respeito por este começa a partir do que você gosta e conhece.”, munidos de sua resposta, podemos constatar que a especialista B não faz distinção entre os conceitos, considerando os dois a mesma coisa.

Quando perguntamos acerca do tempo de existência da atividade “Ludomuseu”, ela nos responde: “Por volta de quinze anos”.

Com relação a questão da metodologia para embasamento da atividade Ludomudeu, temos a seguinte resposta: “ Brincando se aprende (Benjamin)²², Paulo Freire²³, Vygotsky.”

²² Ver o livro: **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**, que possui ensaios onde o pensamento de Benjamin sobre a educação é apresentado. O autor fala sobre o aprendizado da leitura, a prática do teatro, brinquedos, jogos, livros infantis e, ainda, os contrastes entre a educação burguesa e os desafios de uma pedagogia revolucionária.

²³ Paulo Freire Nasceu em Recife em 1921 e faleceu em 1997. É considerado um dos grandes pedagogos da atualidade e respeitado mundialmente. Embora suas idéias e práticas tenham sido objeto das mais diversas críticas, é inegável a sua grande contribuição em favor da educação popular. Publicou várias obras que foram traduzidas e comentadas em vários países.

Suas primeiras experiências educacionais foram realizadas em 1962 em Angicos, no Rio Grande do Norte, onde 300 trabalhadores rurais se alfabetizaram em 45 dias.

Participou ativamente do MCP (Movimento de Cultura Popular) do Recife.

Suas atividades são interrompidas com o golpe militar de 1964, que determinou sua prisão. Exila-se por 14 anos no Chile e posteriormente vive como cidadão do mundo. Com sua participação, o Chile, recebe uma distinção da UNESCO, por ser um dos países que mais contribuíram à época, para a superação do analfabetismo.

Em 1970, junto a outros brasileiros exilados, em Genebra, Suíça, cria o IDAC (Instituto de Ação Cultural), que assessora diversos movimentos populares, em vários locais do mundo. Retornando do exílio, Paulo Freire continua com suas atividades de escritor e debatedor, assume cargos em universidades e ocupa, ainda, o cargo de Secretário Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo, na gestão da Prefeita Luisa Erundina, do PT.

Algumas de suas principais obras: Educação como Prática de Liberdade, Pedagogia do Oprimido, Cartas à Guiné Bissau, Vivendo e Aprendendo, A importância do ato de ler. Fonte: Centro de Referência Educacional. <http://www.centrorefeducacional.com.br/paulo.html> acessado no dia 8 de junho de 2009.

A especialista B nos fala que sua função dentro da atividade em questão é de mediadora, e a ação que considera mais importante é a “brincadeira da caixinha, o trabalho com objetos pessoais e coleções do museu, e a brincadeira do nome que é o maior identificador.”

Com relação a faixa etária mais atendida por esta atividade, ela nos diz que é o ensino fundamental (de 7 anos a 15 anos) mas não nos soube informar a média de visitação anual. Com relação à procura das escolas de Ouro Preto para participar das atividades, ela nos informa que a procura é muito baixa, mas que acontece, ainda nos fala que os distritos da cidade também procuram participar, mas que a falta de transporte é um grande complicador.

Questionando-a se existe algum tipo de avaliação dos participantes das atividades, ela nos diz que sim, que existe uma ficha de avaliação para o professor responder e retornar para que se possa ter conhecimento de como foi a atividade. E, com relação à realização de uma análise comportamental dos participantes, ela nos fala que as professoras mandam um retorno de como foi a reação das crianças a respeito da atividade, se elas gostaram ou não.

A “especialista C”, graduada em História e especialista em Psicopedagogia e em Cultura e Arte Barroca, trabalha na Área Pedagógica há quatro anos.

Quando questionada se a área trabalha com os conceitos “educação patrimonial” ou “educação para o patrimônio”, ela nos responde da seguinte maneira “Os conceitos se misturam, levando para o lado acadêmico é educação para o patrimônio e no lado prático é educação patrimonial também”.

Perguntada acerca do tempo de existência da Área Pedagógica ela nos dá a informação de que existe por volta de 20 anos, que começou com o Museu Escola, que era um projeto e se transformou posteriormente na Área Pedagógica.

Com relação à metodologia utilizada para embasar as atividades da área, ela nos responde que tem base nas teorias de Vygotsky, Piaget e Freire.

Com relação à sua função dentro do desenvolvimento das atividades, ela nos diz que não se tem uma função definida, pois todas se revezam na execução das atividades.

Nas ações pertinentes às atividades do Ludomuseu, ela considera a mais importante, a parte em que se é trabalhada a sensibilização para os conceitos de patrimônio (o que é) e a função do objeto museológico.

Respondendo a questão da faixa etária mais recorrente nas atividades, ela nos diz que em Ouro Preto é o ensino fundamental, e com relação a alunos vindos de fora, o ensino fundamental e o ensino médio. Porém não soube nos informar a média de visitação por ano.

Com relação à procura das escolas da cidade de Ouro Preto para participar das atividades, ela nos diz que existe, mas que esta é muito pequena e que escolas de outros locais como Belo Horizonte, Betim, Viçosa e São Paulo procuram com maior interesse.

Questionada sobre a existência de uma avaliação dos participantes das atividades, ela nos deu a seguinte resposta: “Sim, há uma ficha para o professor, para os alunos não existe esta, pois há um atendimento muito diversificado dificultando esta avaliação”, e sobre a realização de alguma atividade de análise comportamental dos participantes, ela nos fala que é realizada entre as educadoras, pois há um planejamento e uma análise entre elas, porém é detectado, em uma parte dos professores que levam seus alunos para participar das atividades, que estes buscam não uma forma diferenciada de ensino, sim, uma forma de “passar” com seus alunos e não realizam atividades de retorno para a Área Pedagógica.

Por fim, temos a entrevista da “especialista D”, que trabalha na área há oito anos e possui graduação em Letras.

Respondendo a questão sobre o trabalho com educação patrimonial ou educação para o patrimônio, ela nos diz que é educação para o patrimônio, entendendo que educação patrimonial possui sua própria metodologia.

Com relação à criação da atividade Ludomuseu, ela nos apresenta uma linha de raciocínio que parte desde 1981, com a criação do Museu-Escola e vem até a década de 1990 com o desenvolvimento da mesma.

Sobre a metodologia utilizada para embasar as atividades da área, ela nos responde que “Parte do princípio de estranhamento para chegar à identificação. sensibilização, estranhamento e contextualização (identidade).

Sobre sua função no desenvolvimento da atividade, ela nos diz que não há função específica, pois todas participam de tudo.

Quando questionada sobre qual ação, dentro da atividade Ludomuseu, ela considera mais importante, ela nos diz que não gostou da pergunta, pois todas são importantes, que há um contexto e não tem como privilegiar esta ou aquela.

Com relação à faixa etária mais recorrente, ela nos diz que é o ensino fundamental e que a média anual de atendimento da Área Pedagógica gira em torno de 1.500 a 2.000 pessoas, e que a procura pelas atividades acontecem sempre pelos mesmos professores. Falando de outros municípios, ela diz que São Paulo, Divinópolis e Belo Horizonte procuram também a área.

Respondendo à realização de uma avaliação dos participantes das atividades, ela diz: “É implícito, deixam como uma semente, já foi feita uma ficha para o professor, mas são coisas complicadas de se mensurar. Não há uma avaliação como instrumento constante”. E, com relação à realização de alguma atividade de análise comportamental dos participantes, ela nos diz: “Poucos professores mandam um *feedback*, mas é pedido um retorno. São retornos interessantes, os professores indicam ou não adaptações e modificações”.

Dessa maneira, munidos das entrevistas realizadas com as quatro especialistas, podemos observar uma série de desencontros em suas respostas.

Por exemplo, quando questionadas acerca do trabalho com educação patrimonial ou educação para o patrimônio, há uma série de confusão entre as respostas, uma diz “as duas”, outra se confunde ao tentar explicar os conceitos, outra explica, mas é evidente sua confusão, e a última nos dá uma resposta satisfatória.

Entretanto, a questão em que há mais confusão, e que, é de trato fundamental, remete-se à metodologia utilizada para o embasamento das atividades, pois, por se tratar de algo que todas deveriam ter conhecimento e lidar bem com essa informação, percebemos que as respostas variam como “base construtivista”, Piaget, Vygotsky,

Freire, Benjamin, mas nenhuma delas respondeu igual a outra, evidenciando-nos uma grave confusão teórica em uma questão que deveria ter uma resposta clara entre todas.

Com relação ao desempenho dentro das ações da atividade Ludomuseu, podemos perceber que as respostas se concatenam umas com as outras, construindo assim um elo que nos permite visualizar o trabalho das educadoras.

Entretanto, podemos perceber que as especialistas não sabem nos informar ao certo a respeito da origem da criação da atividade, quando foi, há quanto tempo ela existe, esse tópico pode parecer “descartável”, entretanto não o é, uma vez que é de grande importância o conhecimento e o envolvimento dos educadores e as origens de suas atividades.

Podemos notar, também, que é recorrente a queixa de que as escolas de Ouro Preto procuram a Área Pedagógica, porém a demanda ainda é pouca, problema este que, podemos considerar como desinteresse das escolas ou falta de divulgação dessas atividades para a comunidade escolarizada e não escolarizada.

Porém, as respostas que mais nos causam estranhamento, são as duas últimas: Vocês realizam uma avaliação dos participantes das atividades? e: Vocês realizam alguma atividade de análise comportamental dos participantes das atividades?

É muito curioso notar que, as entrevistas foram realizadas no mesmo dia, com educadoras que trabalham em grupo, e obtivemos uma variação de respostas a essas perguntas, mostrando-nos um grande desentendimento entre elas. Por exemplo, como é possível uma das especialistas responder que há a avaliação e outra dizer-nos que não há uma avaliação como instrumento constante, ou ainda, dizer que há uma ficha de avaliação para o professor, mas e os alunos?

Com relação à última questão, a resposta das educadoras nos deixa ainda mais confusos, vemos isso quando uma especialista nos diz que poucos professores mandam um retorno de como foi a atividade, outra nos informa que mandam (induzido-nos a acreditar que é algo constante), outra nos diz que a avaliação ocorre entre as especialistas, e outra ainda nos fala que isso não acontece de forma individual, sendo

que existe “uma conversa onde são expostas as questões trabalhadas”, será isso uma análise comportamental dos participantes das atividades?

Com relação à visitação do público escolar e não escolarizado na área pedagógica, as educadoras nos forneceram um relatório do ano de 2008 que nos mostra os números.

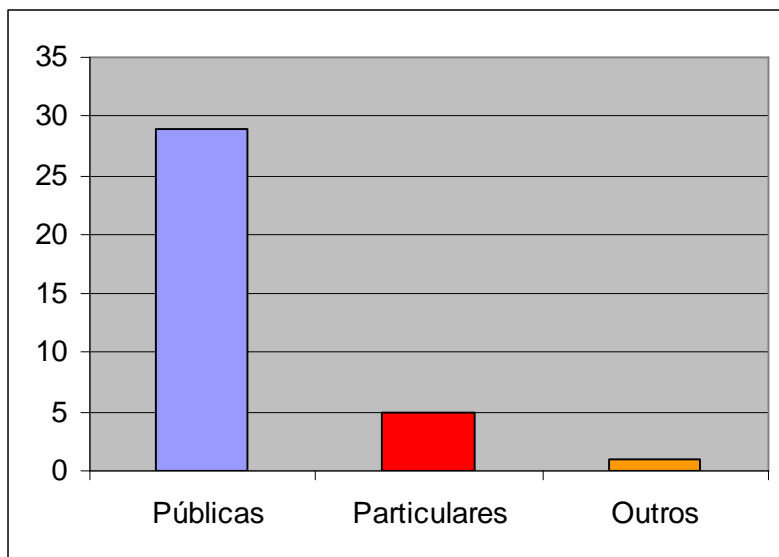
Por nosso maior interesse estar voltado à atividade do Ludomuseu, veremos aqui os números relacionados a esta atividade:

PROJETO LUDOMUSEU

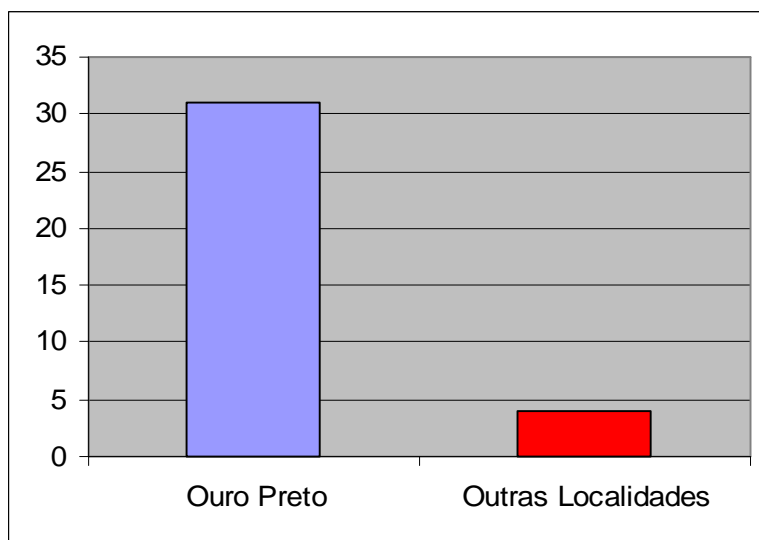
ESTATÍSTICA

Grupos de Ouro Preto	31
Grupos de fora	4
Grupos atendidos	35
Grupos Transferidos	6
Escolas públicas	29
Escolas particulares	5
Educação Infantil	2
Ensino Fundamental	27
Universitário	1
EJA	1
Outros	1
Nº. de visitantes atendidos	823

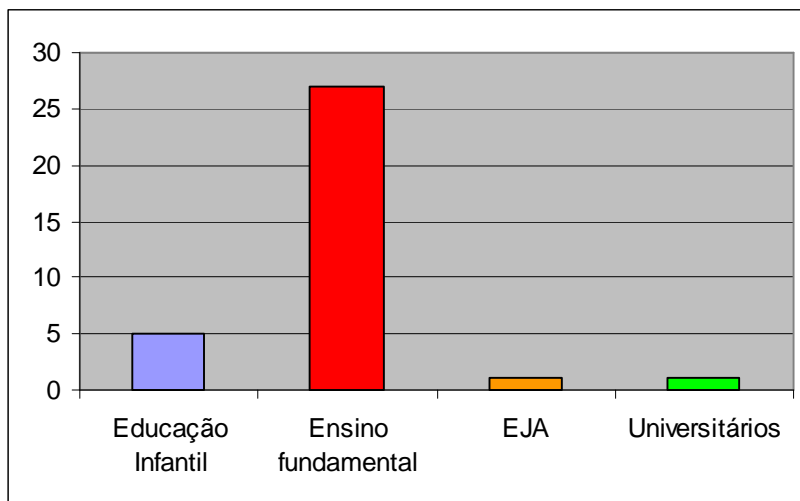
ESCOLAS



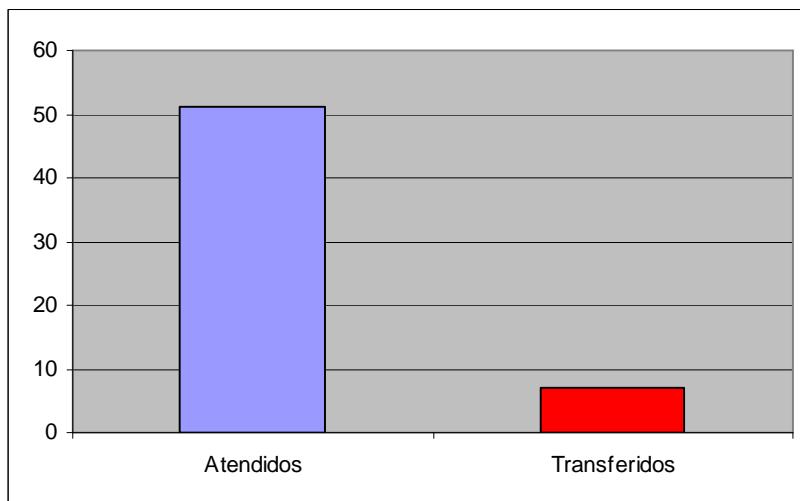
LOCALIDADE



GRAU DE ENSINO



GRUPOS ATENDIDOS



NÚMERO DE VISITANTES ATENDIDOS: 823 pessoas²⁴

²⁴ MinC/ IPHAN/ Museu da Inconfidência. Seção de Difusão do Acervo e Promoção Cultural. Área Pedagógica. Relatório de Atividades, 2008.

4.1. Levando os alunos à Área Pedagógica do Museu da Inconfidência

Para realizarmos nossa pesquisa de campo, escolhemos uma turma do 5º ano da EE Marília de Dirceu.

Primeiramente, a intenção da pesquisa era a de acompanhar alguma turma que já estivesse previamente agendada no calendário das atividades da Área Pedagógica, entretanto, ao visitarmos o local com esse intuito, percebemos não existir turmas agendadas, por isso, fizemos o caminho inverso.

Queríamos trabalhar com uma turma que tivesse tido livremente o interesse pela atividade, sem um convite prévio, porém, devido à falta desta procura, as próprias educadoras indicaram a EE Marília de Dirceu.

Entramos em contato com as professoras que trabalham com alunos cuja faixa etária é de 10 anos. São três turmas na referida escola que trabalham com essa faixa – 5º ano – destas, a professora de uma das turmas não se interessou previamente, outra disse que daria a resposta posteriormente e outra aceitou de imediato, mostrando-se muito disposta e aberta a este estudo. A professora que daria a resposta posteriormente, acabou optando por não levar sua turma.

A professora que chamaremos de X, respondeu a um questionário (em anexo), onde fazemos uma trajetória de trabalho com o tema educação para o patrimônio.

A professora X, que possui formação em Magistério, diz trabalhar com as faixas etárias de 10 a 12 anos e atua somente na EE Marília de Dirceu.

Disse-nos também que já conhecia as atividades pedagógicas do Museu da Inconfidência, considerando-as muito interessantes, já tendo levado uma de suas turmas ao local.

Quando questionada acerca do trabalho com o tema educação para o patrimônio, ela nos informa que já trabalhou com a temática, utilizando-se dos livros da autora Terezinha Lobo Leite.

Com relação ao envolvimento dos alunos com esta temática, ela nos informa que eles se mostraram muito interessados.

Os alunos da professora X possuem idade de 10 anos, 11 anos e um com 14 anos. Quando fomos conhecê-los, se mostraram muito animados e dispostos a participar das atividades.

No dia programado para a atividade, foi realizada uma atividade preparatória, a fim de observar qual o conhecimento deles acerca do conceito patrimônio e as manifestações culturais da região.

Para tanto, lhes foi entregue um questionário (ver anexo), que possuía questões como: O que você considera patrimônio? Ou uma outra que tinha várias opções para marcar o que eles consideravam patrimônio cultural, como casa antiga ou apagador por exemplo.

Nesse questionário podemos observar que algumas questões se repetiam no segundo, que foi entregue após a realização da atividade Ludomuseu.

Concluídas as respostas aos questionários, a etapa seguinte foi partir para a ação na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência. Das quatro especialistas, somente duas realizaram as atividades.

Primeiramente os alunos se sentaram em cadeiras a volta de uma grande mesa; então foi-lhes explanado acerca do Museu da Inconfidência, seu acervo e as exposições que lá são realizadas, concluindo com um convite para alunos e seus pais visitarem o local.

Depois dessa primeira parte, dever-se-ia mostrar um vídeo, o que não ocorreu, devido a uma falha na montagem dos equipamentos; dessa maneira, essa etapa foi simplesmente anulada, sem existir qualquer explicação para os alunos sobre o que se falaria no vídeo ou a razão pela qual ele não foi exibido.

Sendo assim, passamos para a atividade do “objeto pessoal” ou “objeto de afeto”, onde cada um dos participantes é convidado a colocar um objeto que esteja em posse e explicar o motivo pelo qual ele o possui, se gosta ou não do mesmo.

Alguns alunos colocaram seus objetos em cima da mesa, e a atividade aconteceu de maneira muito agradável, havendo interação dos alunos nos momentos de explicar as razões acerca de seu afeto ante o objeto.

Após, uma das educadoras apanhou em uma das caixas aonde se encontram os objetos da Reserva Técnica selecionados para fazerem parte do “Ludomuseu”, uma peça e a mostrou para os alunos apresentando questões como: Este objeto é antigo? O que vocês acham que esse objeto é? Para que ele servia?

Após as devidas explicações foi realizada a atividade do Túnel, uma das favoritas da turma.

Foi colocado um som ao ambiente enquanto os educandos passavam pelo referido túnel e se sentavam no chão da sala, enquanto a outra educadora, utilizando um retroprojektor criava imagens que eram projetadas. Estas imagens eram criadas pela mistura de tintas formando desenhos e criando uma atmosfera de despertar dos sentidos; ao fundo, a música tocava, embalando a dança das figuras.

Quando, por fim, todos os alunos passaram pelo túnel, a roda já feita, foram mostrados os tais objetos do acervo da Reserva Técnica do Museu da Inconfidência. Antes das especialistas falarem sobre eles, foi explicada a forma de catalogação do Museu, onde cada objeto é fotografado e recebe um número.

Os objetos em questão eram: uma escumadeira, uma palmatória, um telefone móvel, um molde para sapatos e uma mão de santo de roca.

Antes mesmo desses objetos serem explicados, uma das educadoras começou uma atividade com os alunos, onde cada um tinha que descobrir o que achava ser determinado objeto e criar um história sobre ele.

As crianças colocaram toda sua criatividade na elaboração da historinha, e após descobrirem o que cada objeto realmente era, se mostraram muito mais entusiasmadas.

A palmatória foi o objeto que despertou maior interesse, todos, sem alguma exceção, bateram em suas próprias mãos com a peça para sentirem como era apanhar antigamente.

Uma das especialistas falou sobre a história de cada objeto, seu contexto histórico e curiosidades sobre eles.

Depois, as crianças foram divididas em quatro grupos, e os objetos passavam grupo a grupo para que elas os desenhassem como nas figuras abaixo:

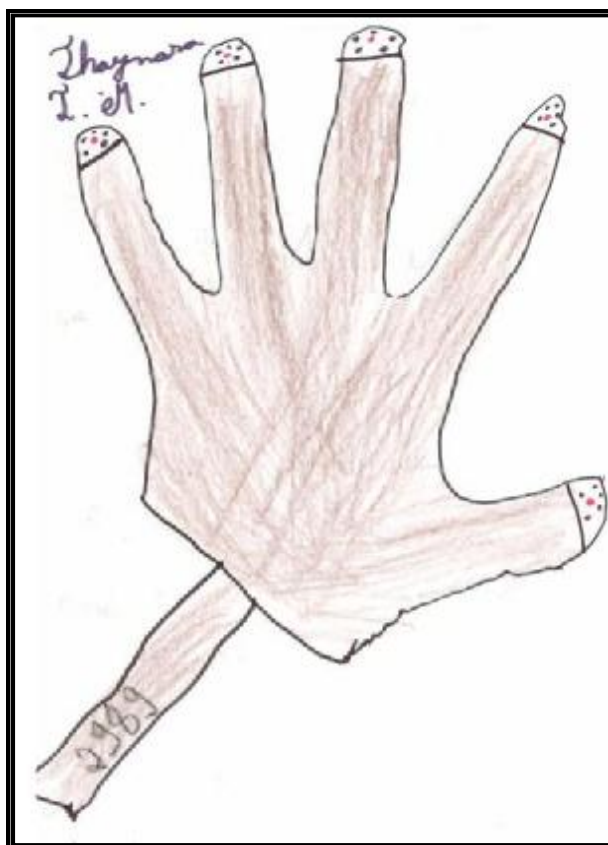


FIG. 1. Desenho de um dos objetos apresentado aos alunos.



FIG 2. Desenho dos objetos apresentados aos alunos.

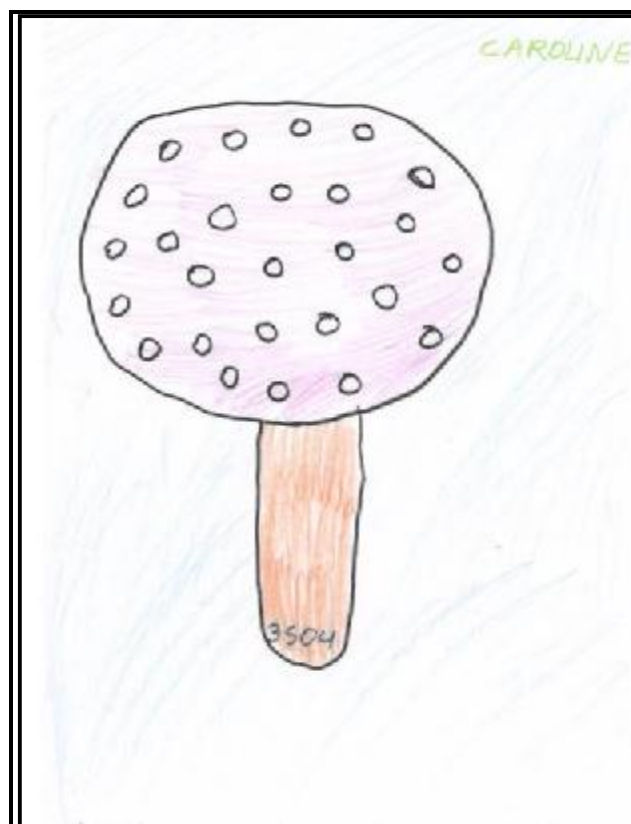


FIG. 3 Desenho de um dos objetos apresentado aos alunos.



FIG. 4. Verso do papel em que os alunos desenharam.

Terminada a fase dos desenhos, os alunos se sentaram novamente no chão para a educadora finalizar as atividades. Ela falou sobre preservação e o cuidado que se deve ter, tanto com os bens culturais como os ambientais.

Finalizada a última parte, as educadoras se despediram e agradeceram a visita de todos.

Voltando para a sala de aula, outro questionário foi entregue aos alunos para que estes concluíssem a atividade.

Com os questionários devidamente respondidos, a próxima etapa foi a de interpretação dos resultados, com a utilização do programa de computador (SPSS) já citado, que nos auxiliou na tabulação das repostas e realizou o cruzamento dos dados, onde podemos observar nas linhas abaixo.

4.2. Interpretação das Respostas

As tabelas abaixo são relacionadas às questões do questionário realizado antes da ida à atividade do Ludomuseu:

TABELA 5 : O que os entrevistados consideram ser patrimônio.

O que você considera patrimônio?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Não sei	3	13,0	13,0	13,0
Museus,casas antigas, igrejas	15	65,2	65,2	78,3
Cultura	2	8,7	8,7	87,0
Escola	1	4,3	4,3	91,3
Não respondeu	2	8,7	8,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Essa questão tem por intuito, fazer um diagnóstico acerca de qual a percepção e qual o conhecimento dos alunos com relação ao tema patrimônio.

Para tanto, fizemos uma pergunta aberta, e após as respostas dos entrevistados, realizamos um levantamento dos dados. Podemos observar que museus, casas antigas e igrejas são os bens pelos quais os alunos identificaram em sua maioria como patrimônio; a resposta “não sei” foi dada por três entrevistados e os que não responderam foram dois; “cultura” apareceu em duas respostas e “escola” em uma resposta.

TABELA 6: Se os entrevistados gostam de visitar museus.

Você gosta de visitar museus?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Sim	23	100,0	100,0	100,0

Essa pergunta tem por objetivo identificar se os alunos gostam de visitar museus, o interessante foi à resposta unânime que sim, eles gostam.

TABELA 7: A razão pela qual eles gostam de visitar museus.

Por que?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Ver as coisas do museu	3	13,0	13,0	13,0
Porque é legal	11	47,8	47,8	60,9
Porque se aprende muitas coisas	5	21,7	21,7	82,6
Não Respondeu	4	17,4	17,4	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Essa questão objetiva mostrar qual o interesse que leva os alunos a gostarem de visitar museus. Podemos observar que a maioria disse achar “legal” o espaço e por ser uma resposta subjetiva, podemos incluí-la no âmbito do afeto, o gostar do lugar.

Com relação à resposta “porque se aprende muitas coisas”, podemos perceber que os alunos que a responderam possuem uma visão do local como fonte de aprendizagem. Na resposta “ver as coisas do museu” podemos identificar um interesse pelos objetos por parte dos alunos, sendo o museu um espaço de descoberta.

TABELA 8: Se os entrevistados sabem o que é congado.

Você sabe o que é congado?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Sim	20	87,0	87,0	87,0
Não	3	13,0	13,0	100,0
Total	23	100,0	100,0	

O congado é uma manifestação cultural que está ligada à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e, em Ouro Preto, tem forte ligação com a lenda do Chico Rei.²⁵

²⁵ A lenda de Chico - Rei nos conta que a origem das festas do Congado está ligada à Igreja Nossa Senhora do Rosário, situada na antiga Vila Rica (Ouro Preto). Segundo a lenda, o escravo batizado com o nome de Chico - Rei, viera da África com outros membros de sua família. Na sofrida viagem, rumo às Novas Terras, Francisco perdera a mulher e seus filhos, com exceção de um. Chico - Rei se instalou em Vila Rica e com o passar do tempo, com as economias obtidas no trabalho aos domingos e dias santos, conseguiu a alforria do filho. Posteriormente, obteve a própria alforria e a dos demais súditos de sua nação que lhe apelidaram de Chico - Rei. Unidos a ele, pelos laços de submissão e solidariedade, adquiriram a riquíssima mina da Escandideira. Casado com a nova rainha, a autoridade e o prestígio do "rei preto" sobre os de sua raça foi crescendo. Organizaram a Irmandade do Rosário e Santa Efigênia, levantando pedra a pedra, com recursos próprios, a Igreja do Alto da Cruz. Por ocasião da festa dos Reis Magos, em janeiro, e na de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, havia grandes solenidades típicas, que foram generalizadas com o nome de "Reisados". Nestas festas, Chico - Rei, de coroa e cetro, e sua corte apareciam lá pelas 10 horas, pouco antes da missa cantada, apresentando-se com a rainha, os príncipes, os dignatários de sua realeza, cobertos de ricos mantos e trajes de gala bordados a ouro, precedidos de batedores e seguidos de músicos e dançarinos, batendo caxambus, pandeiros, marimbás e canzás, entoando ladainhas. In: VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil Colonial 1500-1808. São Paulo:Objetiva,2000, p. 207.

Por se tratar de algo que está inserido na cultura ouro-pretana, realizamos essa pergunta a fim de identificar nos entrevistados qual seu conhecimento sobre esta, e dos 23 entrevistados, podemos observar que 20 conhecem.

TABELA 9: Se os entrevistados conhecem as pastorinhas.

Você conhece as pastorinhas?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Sim	11	47,8	47,8	47,8
Não	12	52,2	52,2	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Já a manifestação cultural “Pastorinhas” diz respeito não só a Ouro Preto, mas a diversas regiões do Brasil, e ocorre no ciclo natalino.

Em Ouro Preto, existem quatro grupos folclóricos de tema “pastorinhas”, são eles: Pastorinhas da Comunidade de São José do Bairro Saramenha, Pastorinhas do Bairro Padre Faria, Pastorinhas do Bairro Pilar e Pastorinhas do Bairro São Cristóvão.

Mesmo existindo essa quantidade de grupos, podemos perceber que as respostas negativas foram maior que as positivas, entretanto, podemos relevar também que a diferença é de apenas uma pessoa.

TABELA 10: Se os entrevistados conhecem a Folia de Reis.

Você conhece a Folia de Reis?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Sim	11	47,8	47,8	47,8
	12	52,2	52,2	100,0

Não				
Total	23	100,0	100,0	

Com relação à Folia de Reis, podemos observar que as respostas foram iguais à questão das pastorinhas.

Essa manifestação também se concentra no ciclo natalino, terminando no mês de fevereiro. Em Ouro Preto podemos observar a existência de vários grupos que trabalham com esse tema. Abrangendo não só a cidade, mas também os distritos, entre eles podemos citar: Folia de Reis de Santa Rita, Folia de Reis de Santo Antônio do Salto, Folias de Reis de Lavras Novas, Folia de Reis de Santo Antônio do Leite e Folia de Santos Reis do Padre Faria.

TABELA 11: O local onde os entrevistados gostam de ir na cidade de Ouro Preto.

Onde você mais gosta de ir em Ouro Preto?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Horto Botânico	1	4,3	4,3	4,3
Museus e casas antigas	9	39,13	39,13	43,5
Distritos	2	8,7	8,7	52,2
Trem	2	8,7	8,7	60,9
Locais de entretenimento	8	34,8	34,8	95,7
	1	4,3	4,3	100,0

Não respondeu				
Total	23	100,0	100,0	

Essa questão objetiva identificar os locais onde nossos entrevistados possuem o hábito de ir ou preferem frequentar.

A resposta “locais de entretenimento” se remetem a locais como quadra de esportes, cinemas e clubes. Podemos observar que na resposta “Trem” e na “Distritos”, o trem citado é o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, que oferece aos estudantes da rede pública de ensino um passeio de trem orientado e os distritos provavelmente são associados à visita de familiares a estas localidades.

A resposta “Museu e casas antigas” foi a que obteve maior frequência, confirmando-nos as respostas anteriores dos entrevistados, que disseram gostar de visitar museus.

TABELA 12: Qual o objeto que o entrevistado possui e mais gosta.

Qual objeto que você tem que você mais gosta?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Video Game	5	21,7	21,7	21,7
Brinquedo	8	34,8	34,8	56,5
Computador	5	21,7	21,7	78,3
Família	2	8,7	8,7	87,0
	3	13,0	13,0	100,0

Não respondeu				
Total	23	100,0	100,0	

Essa questão tem por objetivo identificar no entrevistado o objeto que ele possui e gosta, essa questão se fez necessária para, em um primeiro momento, preparar os alunos à visita na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência, uma vez que lá há uma atividade em que essa mesma questão é levantada.

A resposta “brinquedo” engloba carrinho, bonecas e bicicleta, podemos observar também que dois alunos disseram ser a família seu objeto de maior gosto e “vídeo game” e “computador” apareceram na resposta de cinco pessoas respectivamente, mostrando-nos o interesse dessas crianças relacionado com as novas tecnologias.

TABELA 13: Se o entrevistado se considera um patrimônio.

Você se considera um patrimônio?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Sim	11	47,8	47,8	47,8
Não	12	52,2	52,2	100,0
Total	23	100,0	100,0	

A intenção dessa questão é tentar identificar no aluno qual sua idéia de patrimônio e se ele próprio se considera um.

Podemos observar que a resposta “não” aparece apenas uma vez a mais do que a resposta “sim”, e sem exceção alguma, qualquer dos entrevistados nos disse a razão de se considerar ou não patrimônio.

As tabelas abaixo são respectivas ao questionário realizado após a atividade Ludomuseu, podemos notar que algumas questões se repetem.

TABELA 14 : O que os entrevistados consideram ser patrimônio.

O que você considera um patrimônio?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Não sei	6	26,1	26,1	26,1
Museus, casas antigas, igrejas	11	47,8	47,8	73,9
Cultura	3	13,0	13,0	87,0
Escola	1	4,3	4,3	91,3
Não respondeu	2	8,7	8,7	100,0
Total	23	100,0	100,0	

O objetivo dessa questão era avaliar se após as atividades, os alunos tiveram ou não alguma mudança significativa com relação ao seu olhar ante o patrimônio.

De maneira muito interessante, podemos observar que a mesma questão, respondida antes da participação da atividade Ludomuseu apresenta apenas três vezes a resposta “não sei” quando perguntávamos “O que você considera patrimônio”, e a após a ida à atividade, podemos observar que a mesma resposta dobrou de quantidade.

Com relação a resposta “Museus, casas antigas e igrejas”, o primeiro questionário obteve 15 respostas, e o segundo 11. Entretanto, a respostas “cultura” passou de dois para três, “escola” continuou com apenas uma pessoa a respondendo e os que não responderam foram dois, assim como no primeiro questionário.

TABELA 15: O local onde os entrevistados gostam de ir na cidade de Ouro Preto.

Onde você mais gosta de ir em Ouro Preto?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Museus e casas antigas	15	13,0	13,0	65,2
Distritos	1	4,3	4,3	69,6
Trem	1	4,3	4,3	73,9
Locais de entretenimento e lazer	6	26,1	26,1	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Com relação à resposta dessas perguntas, podemos observar que o Horto Botânico não apareceu novamente, que o item “trem” passou de dois para uma resposta e, curiosamente, a resposta “museus e casas antigas” continua com o mesmo percentual de escolha.

TABELA 16: Qual o objeto que o entrevistado possui e mais gosta.

Qual a coisa que você tem que você mais gosta? Porque?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Video Game	4	17,4	17,4	17,4
	18	78,3	78,3	95,7

Brinquedo				
Computador	1	4,3	4,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

As respostas dessa tabela surpreendem quando comparadas às respostas da mesma questão realizada anteriormente.

O vídeo game, por exemplo, foi escolhido agora por apenas quatro pessoas, ao invés de cinco, e o computador por apenas uma, outrora tendo sido escolhido por também cinco pessoas, o mais interessante aqui é como a opção brinquedo aumentou. De fato, a atividade realizada despertou nos alunos um sentimento de pertencimento e afeto com relação aos seus objetos não só os vendo pelo divertimento, mas também relevando quem os deu e quando.

TABELA 17: Se o entrevistado se considera um patrimônio.

Você se considera um patrimônio?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Sim	8	34,8	34,8	34,8
Não	15	65,2	65,2	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Essa questão tem a intenção de observar se a atividade Ludomuseu despertaria nos alunos a visão de que eles também são patrimônio, entretanto, podemos observar que a frequência da resposta sim caiu consideravelmente.

No primeiro questionário, onze entrevistados responderam se considerar patrimônio, no segundo esse número cai para oito. Quando questionados a razão de suas respostas, podemos observar que entre os que responderam que sim, um disse ser

cidadão, por isso é um patrimônio, e os que responderam que não, disseram que “não são algo de todos” ou que “não sou coisa antiga”. Dessa maneira, podemos observar que as atividades não despertaram no aluno a consciência de que ele é um patrimônio e ainda os confundiram com relação ao que é de fato patrimônio.

TABELA 18: Se os entrevistados gostaram das atividades desenvolvidas na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência.

Você gostou das atividades desenvolvidas?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Sim	23	100,0	100,0	100,0

Essa questão tem por objeto medir o índice de satisfação dos participantes da atividade Ludomuseu, e a resposta “sim” foi unânime.

TABELA 19: Qual a atividade que os entrevistados mais gostaram dentro da ação Ludomuseu.

Qual atividade você mais gostou?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Túnel	17	73,9	73,9	73,9
Objeto de Afeto	2	8,7	8,7	82,6
Desenho dos Objetos	3	13,0	13,0	95,7
Não respondeu	1	4,3	4,3	100,0
Total	23	100,0	100,0	

Das atividades realizadas dentro da ação Ludomuseu, os alunos mostraram que preferiram o “Túnel”, atividade que desperta nos alunos o sentido do tato e o relaciona a outros sentidos.

A atividade do Desenho dos Objetos ficou em segundo lugar e a atividade do Objeto de Afeto ficou em terceiro lugar, apenas uma pessoa não respondeu.

Entretanto, podemos observar que outras atividades que foram desenvolvidas dentro da ação Ludomuseu não foram citadas pelos alunos.

4.3. Análise de duas questões

Duas questões foram dadas também para os alunos, cuja configuração apresenta sentenças fechadas para serem respondidas.

A questão pedia para que fossem marcados os itens que o aluno considerava ser patrimônio cultural, entre esses itens temos: casa antiga, igreja antiga, chinelo, caixa de lápis, apagador, cantiga de roda, folclore brasileiro e pão de queijo.

Fazemos aqui uma ressalva que o item pão de queijo acabou por se mostrar de maneira dúbia, uma vez que deveria ser colocado o modo de fazer do pão de queijo.

TABELA 20: Itens que os alunos consideram ser patrimônio cultural

Para você patrimônio cultural pode ser:		
	Frequência	Percentual
Casa antiga	20	86,95
Igreja antiga	19	82,60
Chinelo	1	4,34
Caixa de Lápis	1	4,34

Apagador	1	4,34
Cantiga de roda	9	39,13
Folclore brasileiro	14	60,86
Pão de queijo	0	0

Devemos observar que nessa questão, o entrevistado poderia responder a quantidade de alternativas que julgasse patrimônio cultural.

Podemos ver que o item “pão de queijo” não foi escolhido uma única vez, e que os itens “Casa antiga” e “Igreja antiga” são os que possuíram maior frequência de escolha. É interessante notar também que os entrevistados marcaram “folclore brasileiro” e “cantiga de roda” de maneira considerável e que itens como chinelo, apagador e caixa de lápis apareceram uma única vez cada.

Vejamos agora a frequência das respostas após a realização da atividade Ludomuseu:

TABELA 21: Itens que os alunos consideram ser patrimônio cultural após a atividade “Ludomuseu”

Para você patrimônio cultural pode ser:		
	Frequência	Percentual
Casa antiga	20	86,95
Igreja antiga	19	82,60
Chinelo	1	4,34
Caixa de Lápis	3	13,04

Apagador	3	13,04
Cantiga de roda	10	43,47
Folclore brasileiro	14	60,86
Pão de queijo	0	0

Com os dados dessa tabela, podemos observar que os itens: casa antiga, igreja antiga, folclore brasileiro e chinelo continuaram com o mesmo número de escolhas: 20, 19, 14 e 1 respectivamente.

O item pão de queijo continuou sem ser escolhido pelos entrevistados, e estranhamente, os itens caixa de lápis e apagador aumentaram em dois números.

A mudança significativa que ocorreu nas respostas de uma tabela para a outra é que a cantiga de roda aumentou um número.

Entretanto, fazendo um balanço acerca das respostas dadas pelos alunos, podemos perceber que o índice de satisfação dos participantes foi bom, que houve envolvimento e interesse dos mesmos.

Porém, se avaliarmos as respostas referentes a conceitos trabalhados, como patrimônio, por exemplo, podemos perceber que há alguma lacuna nesse processo, uma vez que podemos identificar uma série de confusões nas respostas dos alunos, concretizando-nos a idéia de que o processo desenvolvido durante a atividade não tem alcançado o resultado almejado.

5. Conclusão

A realização deste trabalho nos possibilitou a descoberta e discussão de assuntos de grande importância, relacionados ao universo da educação para o patrimônio e as parcerias necessárias que devem ser estabelecidas entre museus e escolas.

Dessa maneira, podemos concluir acerca dos equívocos relacionados aos conceitos afetos à utilização de termos como “educação patrimonial” e “educação para o patrimônio”, sendo que o primeiro se refere a uma metodologia já estabelecida e concretizada no livro “Guia Básico de Educação Patrimonial”, e o segundo, a todo tipo de trabalho cujos conceitos “patrimônio e preservação” estejam envolvidos, e que possuem metodologia própria.

Podemos perceber também que essa confusão se dá de maneira indiscriminada, devido, muitas vezes, ao fato das pessoas não se aperceberem da distinção entre eles.

Além disso, podemos detectar, a partir desse estudo, que as confusões cometidas ocorrem tanto por educadores, quanto por instituições voltadas à proteção do patrimônio, como é o caso da equipe integrante da Área Pedagógica do Museu da Inconfidência e do IEPHA, respectivamente.

Podemos falar ainda da ação educacional em instituições não escolarizadas, como é o caso da Área Pedagógica do Museu, concluindo também que as parcerias entre esse tipo de instituição com as escolas são uma ferramenta de apoio ao trabalho do professor, constituindo-se em “parceria” de sucesso, uma vez que a instituição museológica se complementa na ação educativa.

Concluimos que a ação “Ludomuseu” configura-se como atividade importante para o despertar de sentidos e valores relacionados à preservação do patrimônio e consciência histórica, entretanto, os mesmos, apesar de serem os objetivos da ação, não estão sendo bem trabalhados pelas educadoras, desencadeando uma série de confusões nos alunos participantes da ação, ou seja, conceitos que deveriam estar “claros” após a realização da atividade ainda se mostram “confusos” após a análise das respostas dos participantes.

Além disso, podemos perceber com esse estudo, que a temática educação e patrimônio já foi trabalhada pela professora participante da pesquisa, evidenciando-nos a preocupação que existe, principalmente em cidades com grande valor histórico, da

necessidade do trabalho com esse tema, visando o despertar do interesse pelos alunos ante a valorização e preservação de algo que é deles e que necessita de conhecimento para ser apropriado e cuidado.

Além do mais, fazendo uma leitura geral do trabalho, observamos que, apesar do tema já ter sido desenvolvido anteriormente com os alunos participantes da atividade, ainda notamos que existe uma falha conceitual acerca da construção do conhecimento pelo viés do patrimônio, uma vez que, após tendo sido realizadas atividades concernentes ao tema, os alunos ainda não conseguem dissociar patrimônio de “coisa antiga”, o que foi notado em determinadas ocasiões.

Desse modo, concluímos que, apesar do tema educação para o patrimônio ser algo de grande evidência e preocupação das instituições escolares em geral, ele ainda não é trabalhado de forma plena, ocasionando uma série de confusões no que diz respeito a conceito e metodologia.

Para minimizar os equívocos metodológicos pontuados neste trabalho, achamos que seja fundamental a capacitação periódica das equipes de especialistas que trabalham com o tema e seus conceitos, assim como, dos professores de educação básica para que possam realizar a contento, as atividades a que se propõem.

Também ressaltamos que as avaliações são instrumentos fundamentais de revisão e reestruturação de atividades, tanto nos meios escolarizados como nos não escolarizados, e que devem ser repensados e trabalhados como instrumento suplementar de auxílio e não como crítica negativa.

E por fim, no âmbito desta monografia, que não pretendeu esgotar o tema, mas, pelo contrário, pontuar um problema que vem se verificando há pelo menos, duas décadas, colocamos a necessidade de se estabelecer uma relação mais efetiva e profícua entre museu e escola, uma vez que esta é de grande valia e contribuição para ambos e não tem sido efetuada de maneira plena e satisfatória.

6. Bibliografia

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (Org.). Memória e Patrimônio, ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- ALVES, Rubem. Educação dos Sentidos e mais...São Paulo: Verus Editora, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues et alli. O Difícil Espelho – Limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: IPHAN/ DEPRON, 1996.
- CAVALCANTI, Carlos. Como Entender a Pintura Moderna. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1978.
- CHAGAS, Mário (Org.). Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia. Nº 1. Rio de Janeiro: IPHAN/ DEMU, 2004.
- _____. Idem. Nº 2. Rio de Janeiro: IPHAN/ DEMU, 2006.
- _____. Museus: Antropofagia da Memória e do Patrimônio. Revista do Patrimônio. Nº 31. Brasília: IPHAN, 2005.
- CHUVA, Márcia. A Invenção do Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.
- CURY, Isabelle (Org.). Cartas Patrimoniais. Rio de Janeiro: Edições do Patrimônio/ IPHAN, 2000.
- DE GRAMMONT, Anna Maria. Hotel Pilão: um incêncio no coração de Ouro Preto. São Paulo: [do autor], 2006.
- FERREIRA, Nilda Teves. Cidadania- Uma Questão para a Educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINE, Sandra de Cássia Araújo. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GADOTTI, Moacir. Educação e Poder, Introdução à Pedagogia do Conflito. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- _____. Diversidade Cultural e Educação para Todos. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

- GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988.
- GOUVÊA, Guaracira, MARANDINO, Martha e LEAL, Maria Cristina (Org.). Educação e Museu – A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003.
- GREEN, Donald Ross. Psicologia da educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: D P & A, 2005.
- HORTA, Maria de Lourdes, GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriana Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo? A questão dos Bens Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Nacional Pró- Memória, 1985.
- MATTOS, Yára. Estrategia de Trabajo Conjunto Escuela – Museo para la Enseñaza de la Historia del Nivel Médio en Oro Prieto. La Habana: Tesis en ofeción al grado de Doctor em Ciências Pedagógicas, 2004.
- MILANESI, Luís. A Casa da Invenção: Biblioteca Centro de Cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Educação. Reflexões e contribuições para a Educação Patrimonial. Grupo Gestor (Org.) – Belo Horizonte: SEE/MG, 2002, p. 47
- MinC/ IPHAN/ Museu da Inconfidência. Seção de Difusão do Acervo e Promoção Cultural. Área Pedagógica. Relatório de Atividades, 2008.
- MONTERO, Paula. Diversidade Cultural: *inclusão, exclusão e sincretismo*. In: DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- MUSEU DA VIDA, MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. O Museu e seus públicos – Negociação e Complexidade. Trabalhos Apresentados EPECODIM 2001. Rio de Janeiro: CNPq/ FAPERJ/ VITAE, 2001.
- MURTA, Stela Maris e ALBANO, Celina (Org.) Interpretar o Patrimônio – um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG; Território Brasília, 2002.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: *a problemática dos lugares*, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural:orientação sexual [Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental.] – 3ª ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. Introdução à psicologia escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PELEGRINE, Sandra C.A, FUNARI, Pedro Paulo A. O que é patrimônio cultural imaterial. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PLATÃO. Apologia de Sócrates e O Banquete. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SACHS, Ignacy. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil Colonial 1500-1808. São Paulo:Objetiva,2000.

Sites consultados:

<http://www.museusouropreto.ufop.br/Museu%20da%20Inconfidencia/museu%20da%20inconfidencia.htm>, acessado no dia 1º de junho de 2009.

<http://www.centrorefeducacional.com.br/piaget.html>, acessado no dia 8 de junho de 2009.

<http://www.centrorefeducacional.com.br/vygotsky.html>, acessado no dia 8 de junho de 2009.

<http://www.centrorefeducacional.com.br/paulo.html>, acessado no dia 8 de junho de 2009.

7. ANEXOS

Anexo 1 - Fotos dos alunos participantes das atividades

Local: Área Pedagógica do Museu da Inconfidência e EE Marília de Dirceu

Data: 20 de maio de 2009

Fotos: Mariana Zanchetta Otaviano





7.1. Anexo 2 – Questionário apresentado aos alunos antes das atividades na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência



Ministério da Educação
Universidade Federal de Ouro Preto – Reitoria
Departamento de História
Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em História
Tema: Educação para o Patrimônio
Autora: Mariana Zanchetta Otaviano
Orientadora: Prof. Dra. Yara Mattos

Questionário alunos (anterior à atividade)

Nome:

Idade:

Turma:

Professora:

1) O que você considera patrimônio?

2) Para você patrimônio cultural pode ser:

casa antiga ()

Igreja antiga ()

chinelo ()

caixa de lápis ()

apagador ()

cantiga de roda ()
 folclore brasileiro ()
 pão de queijo ()

3) Você gosta de visitar museus?

() sim () não

Por quê?

4) Você sabe o que é o Congado?

() sim () não

5) Você conhece as pastorinhas?

() sim () não

6) Você conhece a Folia de Reis?

() sim () não

7) Onde você mais gosta de ir em Ouro Preto?

8) Qual a coisa que você tem que mais gosta? Por quê?

9) Você se considera um patrimônio? Por quê?

7.2. ANEXO 3 - Questionário apresentado aos alunos depois das atividades na Área Pedagógica do Museu da Inconfidência



Ministério da Educação

Universidade Federal de Ouro Preto – Reitoria

Departamento de História

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em História

Tema: Educação para o Patrimônio

Autora: Mariana Zanchetta Otaviano

Orientadora: Prof. Dra. Yara Mattos

Questionário alunos (posterior à atividade)

Nome:

Idade:

Turma:

Professora:

1) O que você considera patrimônio?

2) Para você patrimônio cultural pode ser?

casa antiga ()

Igreja antiga ()

chinelo ()
 caixa de lápis ()
 apagador ()
 cantiga de roda ()
 folclore brasileiro ()
 pão de queijo ()

- 3) Onde você mais gosta de ir em Ouro Preto?
- 4) Qual o objeto que você tem que mais gosta? Por quê?
- 5) Você se considera um patrimônio? Por quê?
- 6) Você gostou das atividades desenvolvidas?
 sim não indiferente
- 7) Caso afirmativo, de qual você mais gostou? Por quê?

7.3. Anexo 4 - Questionário apresentado às educadoras da EE Marília de Dirceu



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Ouro Preto
 Departamento de História
 Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em História
 Tema: Educação para o Patrimônio
 Autora: Mariana Zanchetta Otaviano
 Orientadora: Prof. Dra. Yara Mattos

Questionário para as educadoras da EE Marília de Dirceu

- 1)Nome:
- 2)Idade:
- 3)Formação Acadêmica:
- 4)Você trabalha com quais faixas etárias?
- 5)Você trabalha em outra escola?
- 6)Você conhece as atividades pedagógicas do Museu da Inconfidência?

7) Você já levou alguma turma sua para participar das atividades do “Ludomuseu”?

8) Você trabalha com seus alunos a temática “educação para o patrimônio” ?

Caso sim:

9) Que atividades você já desenvolveu relacionadas a educação para patrimônio?

10) Quando?

11) Com alunos de qual faixa etária?

12) Que material pedagógico você se embasa para realizar atividades em educação para o patrimônio?

13) Como é (foi) a receptividade dos seus alunos com relação a essa temática?

7.5. ANEXO 5- Questionário apresentado às educadoras da Área Pedagógica do Museu da Inconfidência



Ministério da Educação

Universidade Federal de Ouro Preto – Reitoria

Departamento de História

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em História

Tema: Educação para o Patrimônio

Autora: Mariana Zanchetta Otaviano

Orientadora: Prof. Dra. Yara Mattos

Questionário para as educadoras da Área Pedagógica do Museu da Inconfidência

1) Nome:

2) Idade:

3) Formação Acadêmica:

4) Tempo que trabalha no Museu da Inconfidência:

5) Você considera que a Área Pedagógica do Museu da Inconfidência trabalha com a metodologia educação patrimonial ou da educação para o patrimônio?

- 6) Quando a atividade Ludomuseu foi criada?
- 7) Qual a metodologia utilizada para embasar esta atividade?
- 8) Qual a sua função ao desenvolver a atividade?
- 9) Qual ação dentro da atividade “ Ludomuseu” você considera mais importante? Por quê?
- 10) Que faixa etária é mais recorrente nas ações do Ludomuseu?
- 11) Qual a média anual de atendimento na Área Pedagógica?
- 12) As escolas da cidade de Ouro Preto procuram a Área Pedagógica?
- 13) Escolas de outros municípios já participaram das atividades? Quais e quando?
- 14) Vocês realizam uma avaliação dos participantes das atividades?
- 15) Vocês realizam alguma atividade de análise comportamental dos participantes das atividades?